



# CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

EGÍPCIA › MAIA › ASTECA › INCA

HISTÓRIAS, DINASTIAS E CULTURA DE UM POVO  
FUNDAMENTAL EM NOSSA EVOLUÇÃO E SABEDORIA



# Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse [t.me/BrasilRevistas](https://t.me/BrasilRevistas)



Tenha acesso as principais  
revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

# CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)



# CIVILIZAÇÕES ANTIGAS



Rua Padre Agostinho Poncet, 135 - Mandaqui  
CEP: 02408-040 - São Paulo - SP  
[www.discoverypublicacoes.com.br](http://www.discoverypublicacoes.com.br)

#### **Diretores**

Fábio Kataoka  
Nilson Festa

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

#### **Produção Editorial**

Robson Oliveira

#### **Administração Geral**

Andreza de Oliveira Pereira  
[andreza@discovery.com.br](mailto:andreza@discovery.com.br)

#### **Coodenação Editorial**

Carlos Kataoka

#### **Projeto e Realização CRIATIVO MERCADO EDITORIAL**

#### **Diretora Financeira**

Esilene Lopes de Lima

#### **Direção de Arte**

Marcelo Almeida

---

#### **Atendimento ao Cliente**

[atendimento@discoverypublicações.com.br](mailto:atendimento@discoverypublicações.com.br)  
011-2977-5878

---

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, seja por meio eletrônico ou impresso, inclusive fotocópias sem prévia autorização e consentimento da editora.



# ÍNDICE

## PARTE I

### A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA..... 08

*Introdução • A Grandeza da Civilização Egípcia • As Pirâmides*

*Entre em um Canal Telegrama da GPR e REVISTAS*

*Uma das 7 Maravilhas • O Enigma da Grande Pirâmide • Os Deuses Egípcios • Uma Sociedade Patriarcal*

## PARTE II

### A CIVILIZAÇÃO MAIA..... 34

*Introdução • Aspectos da Civilização Maia • As Cidades Maias*

*• Os Ritos Religiosos Maias • O Calendário e a Escrita*

## PARTE III

### A CIVILIZAÇÃO ASTECA..... 58

*Introdução • Uma História Complexa e Intrigante • A Sociedade*

*Asteca • A Religião Asteca • A Cultura Asteca*

## PARTE IV

### A CIVILIZAÇÃO INCA ..... 78

*Introdução • A História Inca • A Expansão do Império*

*• A Conquista Espanhola • A Cultura Inca*

# EDITORIAL



QUANDO PENSAMOS EM EDITAR UMA  
PUBLICAÇÃO SOBRE CIVILIZAÇÕES ANTIGAS,  
A PRIMEIRA QUE NOS OCORREU FOI A  
CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA.

Entre Antigos, Canônicos, Elegantes e Modernos REVISTA

**A** história egípcia exerce uma atração inequívoca em todos nós que gostamos de meditar sobre a capacidade que o homem tem de se organizar com seus semelhantes e gerir uma sociedade grandiosa, capaz de se perpetuar através dos séculos como epígrafe de ‘civilização’.

Até os dias de hoje, as descobertas científicas e arqueológicas sobre o Egito Antigo causam comoção. Sabemos bastante sobre o Egito dos antepassados, a Arte, a Arquitetura, a Religião, a grandeza histórica de um povo que foi fundamental na evolução da Humanidade, pelo seu espírito realizador e difusor de conhecimento. Nesta edição, falamos de suas dinastias de faraós, sua história, cultura e sapiência — o Egito era a fonte do saber, o local para aonde os sábios antigos de outros cantos do mundo se dirigiam para absorver mais conhecimento — porém, muito ainda há para se descobrir, admirar e aprender dessa mitológica civilização antiga. Completam esta edição resumos de três outras civilizações antigas fabulosas, Maia, Asteca e Inca. Boa leitura!

Os Editores

PARTE I  
CIVILIZAÇÃO  
EGÍPCIA



FALAR EM EGITO É QUASE QUE  
NECESSARIAMENTE FALAR EM MÚMIAS,  
FARAÓS E OS MISTÉRIOS LIGADOS  
ÀS SUAS MORTES.

NESTA EDIÇÃO, COMEÇAMOS POR FALAR DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA ANTIGA, SOBRE COMO ELA FOI IMPORTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA HUMANIDADE. CLARO, TRATAMOS TAMBÉM DAS PIRÂMIDES, DOS DEUSES EGÍPCIOS E TODO O SIMBOLISMO QUE A RELIGIOSIDADE EGÍPCIA TEM DE IMPORTANTE, INCLUINDO NOS REFLEXOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, DOS HÁBITOS DOS ANTIGOS EGÍPCIOS EM RELAÇÃO AOS MORTOS, TUDO O QUE ELES LEGARAM E NOS CONTARAM ATRAVÉS DOS HIERÓGLIFOS GRAVADOS NAS PIRÂMIDES E NOS PAPIROS, QUE DESDE DESCOBERTOS NO SÉCULO XIX, NUNCA MAIS DEIXOU DE DESPERTAR INTERESSE.

Entre em nosso Canal no YouTube em <https://www.youtube.com/BRASILREVISTAS>

**O**s mistérios da civilização egípcia sempre despertaram a curiosidade de cientistas e leigos. Os rituais realizados por esse povo, suas crenças e construções permaneceram durante milênios e quando escavações arqueológicas a partir do século XIX trouxeram à tona inúmeras descobertas, então começaram a surgir algumas respostas. Entretanto, os mistérios nunca foram totalmente desvendados e talvez jamais sejam. Neste verdadeiro mosaico de enigmas, vale a pena conhecer um pouco da civilização egípcia e o porquê do fascínio que vem despertando na humanidade há milênios. Depois de tanto tempo, a sedução parece não ter perdido a força e o interesse se mantém vivo através das pesquisas científicas e da simples curiosidade das pessoas comuns.



## A GRANDEZA DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

Entre em nosso Canal no Telegram: [@me3BRASILREVISTAS](#)

*O Egito é o berço da mais antiga civilização, cujo auge se deu há cerca de cinco mil anos. O estudo dessa civilização sempre seduziu os ocidentais: desde os antigos gregos e romanos até os invasores franceses no século XVIII.*

O estudo sistemático do Antigo Egito, porém, só tornou-se possível após 1822, quando ocorreu a decifração dos hieróglifos, a linguagem escrita usada por esse povo.

Os antigos egípcios acreditavam que sua escrita sagrada – datada de 3.100 a.C. – era um presente de Thoth, o deus da sabedoria. Entretanto, os estudiosos contemporâneos afirmam que o povo do rio Nilo sofreu influências da escrita mesopotâmica.

Qualquer que seja a sua origem, a escrita hieroglífica foi um instrumento que possibilitou aos egípcios registrarem dados diversificados de sua cultura: da vida cotidiana da população até as proclamações dos sacerdotes e decretos reais.

## ■ COLUNAS

*As colunas egípcias continuam, ainda hoje, como testemunhas de uma época de esplendor.*

Ao pé da letra, hieróglifo significa “inscrição sagrada”. Outras formas de escrita gravavam textos mundanos; os hieróglifos aspiravam à eternidade. Detalhados e meticulosamente gravados, os hieróglifos geralmente associavam símbolos fonéticos com imagens de objetos reais.

Não havia vogais, e predominava pouco espaço. Os leitores dependiam do contexto e do senso comum para conseguir decifrar o seu significado. A escrita hieroglífica era normalmente lida da direita para a esquerda, ou de cima para baixo. Mas sempre houve exceções. Os egípcios abandonaram os hieróglifos no quarto século depois de Cristo, pois os líderes cristãos se opuseram ao uso dos símbolos pagãos.

## A PEDRA DE ROSETA

Algumas centenas de anos mais tarde, sob a administração dos islâmicos, o Egito adotou o árabe como língua popular. Em pouco tempo, as inscrições antigas perderam seu sentido. Elas permaneceram um mistério durante muitos séculos.

Em 1799, soldados franceses no Egito depararam-se com um bloco de pedra, atualmente conhecido como a Pedra de Roseta. Ela continha hieróglifos, uma forma cursiva da escrita egípcia, e letras gregas. Estudiosos passaram as décadas seguintes tentando quebrar o silêncio dos textos milenares.

Jean-François Champollion foi, em 1822, o primeiro especialista em hieróglifos. A partir de seu trabalho, os experts aprenderam a ler as “palavras dos deuses” enquanto exploravam mais a fundo os mistérios do Egito.



## ■ ALTA NOBREZA

*Organizada em castas, a alta nobreza do Antigo Egito desfrutava de uma vida de luxo e riqueza incomparável no seu tempo.*

Graças à descoberta de Champollion e ao estudo de outros pesquisadores que vieram depois dele, foi possível, finalmente, entender como se organizava a sociedade do Antigo Egito, quais seus principais valores e crenças, qual o poder atribuído aos faraós etc. Hoje, já se sabe, por exemplo, que, inicialmente, a região achava-se dividida em cidades-estados chamadas “nomos”, que eram independentes politicamente.

## OS NOMOS, OS REINOS E A DECADÊNCIA

Em torno do ano de 4.000 a.C. esses “nomos” uniram-se em dois reinos: Reino do Baixo Egito (Norte) e Reino do Alto Egito (Sul). A unificação desses reinos ocorreu por volta de 3.200 a.C., com Menés, que se tornou o primeiro faraó da 1ª Dinastia e deu início à história do Antigo Egito que vai até o século XI a.C., quando termina a dinastia Ramsés e se inicia um período de decadência.

Essa decadência se acentuou com o aparecimento de novos reinos no Oriente Médio, com o enfraquecimento do governo dos faraós, com o empobrecimento do país causado pela desorganização interna e pelas sucessivas dominações estrangeiras. Inicialmente, ocorreu a dominação assíria, seguida da dominação persa, macedônia, romana e árabe, sendo esta última responsável pela religião islâmica do Egito atual.

## AS CONSTRUÇÕES, O CONHECIMENTO, A ARTE EGÍPCIA

No auge de seu império, no entanto, o Antigo Egito deu origem a muitas construções de valor. Os egípcios foram grandes construtores, erguendo casas e palácios com tijolos e madeira. Recursos técnicos que talvez tenham trazido da Mesopotâmia.

As pedras eram reservadas para a construção de túmulos. Eram hábeis na arte de esculpir em pedras, fabricavam jóias de ouro, pedras semipreciosas e esmalte, e descobriram o papiro, que servia para a escrita.

Além disso, os antigos egípcios desenvolveram conhecimentos de medicina e iniciaram investigações matemáticas, mais tarde desenvolvidas pelos gregos. Porém, onde os egípcios mais se destacaram foi na construção de túmulos: as pirâmides, construídas, em geral, em honra dos faraós. Contando com materiais rudimentares, mas com fartura de mão-de-obra, construíram verdadeiros monumentos de arquitetura, como as pirâmides de Quéfren, Quéops e Miquerinos, localizadas em Gizé.

A arte egípcia em sua maior parte homenageava os mortos, sepultados com os objetos julgados necessários para a vida no além, no chamado mundo subterrâneo. Muitos faraós eram enterrados em túmulos escavados em rochas, outros tinham o corpo conservado pelo embalsamento.

O conceito estabelecido pelos arqueólogos com relação à vida cotidiana dos antigos egípcios baseia-se em artefatos encontrados nos sítios de escavação. Por exemplo, sabe-se muito da vida dos faraós, das rainhas e da nobreza em geral devido à riqueza de informações deixadas nas paredes dos túmulos e de outros monumentos. Mas não se sabe com precisão o tipo de vida que o egípcio comum levava. Durante décadas acreditou-se que as grandes pirâmides de Gizé foram erigidas por escravos, mas achados recentes revelaram que os trabalhadores eram assalariados e, quando morriam, eram enterrados com alguns objetos, como acontecia com a classe nobre.



# AS PIRÂMIDES

---

## UMA DAS 7 MARAVILHAS

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

*Construídas para abrigar os faraós mortos, monumentos egípcios permanecem entre as maiores engenhosidades da espécie humana*

**C**orria o ano 2 depois do nascimento de Cristo, quando o poeta grego Antipater registrou o que parecia, então, as sete maravilhas do mundo antigo. Antipater, na verdade, anotava uma tradição baseada na “Mirabilia”, termo que vem do latim e significa “aquilo que vale ser visto”. No topo da lista estavam as Pirâmides do Egito, provavelmente construídas no terceiro milênio antes de Cristo e localizadas em Gizé, a quinze quilômetros do Cairo. O resto da lista trazia: O Farol de Alexandria (Egito), Os Jardins Suspensos da Babilônia (Iraque), O Templo de Ártemis (Turquia), A Estátua de Zeus (Grécia), O Mausoléu de Halicarnasso (Turquia) e O Colosso de Rodes (Grécia).

Curiosamente, as pirâmides são a única dessas maravilhas que sobreviveram aos 2 mil anos que se seguiram às anotações de Antipater. E não foi por acaso.

## EFEITO VISUAL

Essas construções, quando vistas à distância, em filmes ou fotografias, provocam um efeito visual espetacular em relação à imagem que se tem delas de perto. Parecem figuras triangulares perfeitas, como se tivessem sido desenhadas com uma régua. Basta aproximar-se delas, no entanto, para a surpresa. As pirâmides são, na verdade, um bem arrumado monte de blocos quadrados de pedras que teriam sido planejados no chamado Velho Reinado, cerca de 3 mil anos antes de Cristo, portanto há 5 mil anos dos dias de hoje. Tanto que esse tempo também ficou conhecido como Era das Pirâmides.

## O COMEÇO

Havia pirâmide de todo tipo: a pirâmide torta, a de degraus, a normal, a grande, a pequena e a média. Eram construídas antes mesmo de os faraós morrerem, quando eles ainda estavam jovens. Segundo arqueólogos e historiadores, tudo teria começado com o faraó Netjerykhet-Djoser, da 4ª Dinastia, por volta de 2630 a.C. Ele determinara que seu mais famoso escriba, Imhotep, desenhasse um projeto de pirâmide em Sakara, que se tornaria um túmulo e o primeiro grande monumento de pedra no Egito. Ou seja, desde o começo, as pirâmides se tornaram gigantescos túmulos de governantes. Internamente, inclusive dentro das sepulturas, eram decoradas com pinturas que significavam passagens sobre a vida. Os engenheiros, com o tempo, sentiram necessidade de montar armadilhas para que os ladrões não conseguissem o tesouro do faraó. Graças a essas construções, começaram a aparecer vestígios de começo de uma escrita – a hieróglifa. Assim, os egípcios começaram a usar símbolos e a escrever.

## O PRIMEIRO ENGENHEIRO

Imhotep era considerado o mais importante ministro do reino. Para pôr em prática a missão que lhe fora confiada por Djoser, ele desenvolveu uma série de técnicas de construção em pedra talhada que permitiu a realização do mirabolante projeto. Acredita-se que o então engenheiro não tinha em mente exatamente a construção de uma pirâmide. O monumento teria adquirido essa forma graças às alterações que ele foi fazendo no projeto original. As indicações históricas levam a crer que ele pensou inicialmente num túmulo convencional, uma mastaba. Ou seja, construiria um edifício simples composto de câmaras funerárias onde seriam depositados o sarcófago e os tesouros do faraó.

## TUMBA NOBRE

A mastaba era a tumba em forma de tronco de pirâmide, típicas dos nobres do Antigo Império. As mais importantes encontram-se nas necrópoles de Gizé e Saqqara. Invariavelmente, decoravam as paredes com cenas que retratavam diversos aspectos da vida cotidiana. As imagens incluíam também o culto funerário. Além de estátuas, a mastaba incluía a chamada porta-falsa: uma porta simbólica através da qual o espírito vinha receber as oferendas e víveres deixados pelos sacerdotes funerários. Como Djoser queria algo grandioso, a mastaba começou a ficar complexa. O número de degraus cresceu e templos funerários anexos foram construídos. Para erguer e sustentar a estrutura gigantesca, ImHotep quebrou a cabeça e levou um bom tempo para desenvolver uma série de cálculos e técnicas. Para erguer a obra, ele mandou quebrar enormes blocos de pedra – eram tão pesados que uma pessoa comum não conseguiria carregar sozinha. Os blocos eram transportados por grandes grupos de pessoas que utilizavam troncos de árvore para que as pedras rolassem pelo chão. Arqueólogos acreditam que o deserto onde se encontram as pirâmides era gramado naquela época, o que dificultava o carregar dos blocos. Mesmo depois de um dia inteiro de trabalho, só se conseguia colocar três blocos de pedra na base da pirâmide.

A pirâmide planejada por ele ficou com as dimensões de 140 por 118 metros de base e 60 metros de altura — algo em torno de um prédio de vinte andares. A construção está localizada hoje no deserto perto da aldeia de Saqqara. Tamaña suntuosidade tornou ImHotep uma figura célebre em todo Egito — depois de sua morte, ganhou status de um deus. Passou a ser considerado filho de Ptah, o deus supremo de Mênfis, que teria fecundado uma mulher mortal. A partir de então, ImHotep foi cultuado durante toda a história egípcia. Tanto reconhecimento era mais que merecido, uma vez que organizar a construção de um projeto tão ousado e tão complexo só poderia ser um feito divino.

## TRADIÇÃO IMPERIAL

Desse modo, teve início a tradição imperial de todos os governantes da 5ª Dinastia no sentido de construir um grande complexo em Gizé, que incluiu a Grande Pirâmide, Pirâmide de Kufu ou Quéops. Tanto interesse fez com que tivesse início no Egito o surgimento de verdadeiras escolas de engenharia de pirâmides. Ali, os escribas cuidavam de tudo relacionado àquelas gigantescas e demoradas construções. Suas funções iam desde o aprendizado e ensino das



## ■ A ESCRITA

*A escrita ilustrada facilitou sobremaneira a compreensão da civilização egípcia.*

técnicas de construção, ao arrematamento de operários para as obras. Cabia ainda aos escribas, donos do conhecimento, o controle da chegada de materiais das pedreiras via Nilo, os cálculos e medições de altura e ângulos e o projeto de posicionamento das câmaras dentro da estrutura. Eles também escolhiam o local para a construção, sempre de acordo e com o patrocínio econômico do faraó reinante.

A prática e os estudos cada vez mais apurados desenvolvidos pelos sucessores de ImHotep deram origem a ideias mais ousadas e, principalmente, monumentais. Parecia que os céus eram o limite para os construtores de pirâmides e que por meio delas alcançariam as estrelas. Desse modo, numa primeira etapa, o formato da pirâmide de degraus de Djoser evoluiu para a tradicional pirâmide de face lisa — formada internamente por uma pirâmide de degraus, revestida por fora com a face inclinada. A novidade surgiu no reinado de Huni, último faraó da 3ª Dinastia.

Huni, no entanto, não viveu o suficiente para vê-la pronta e sua conclusão foi feita por Snefru, primeiro faraó da 4ª Dinastia. Na verdade, é preciso ressaltar, a pirâmide de Huni começou a ser construída como se fosse uma pirâmide tradicional de degraus. Posteriormente, foi revestida com a face lisa. Especialistas acreditam que, talvez pela inexperiência com o novo desenho, os escribas egípcios responsáveis pela obra tenham errado no método de colocação das pedras do revestimento exterior, e nas bases da sua estrutura.

A tese justificaria o fato de a pirâmide ter cedido algum tempo depois e as suas paredes lisas exteriores desmoronaram — da pirâmide restaram somente a torre interna de degraus circundada por grandes camadas de escombros do revestimento caído.

## APOGEU DA ENGENHARIA DE PIRÂMIDES

Acredita-se que a 4ª Dinastia tenha sido o apogeu da engenharia egípcia na construção das pirâmides. Nesse período, depois de concluir a de seu antecessor, o faraó Snefru determinou a construção de sua própria pirâmide, que teria nada menos que 183,5 metros na base.

A obra, no entanto, apresentou problemas: a inclinação de suas faces exteriores foi muito reduzida, o que a deixou a pirâmide com uma silhueta “torta”. Arqueólogos especulam se não teria sido durante sua construção que ocorreu o desabamento da pirâmide de Huni. Isso justificaria uma provável revisão dos cálculos, mudança da inclinação e aprimoramento nas técnicas de colocação dos blocos. A deficiência no resultado final deve ter levado Snefru a querer construir outra pirâmide a dois quilômetros da “torta”. A nova obra teria base quadrada de 220 metros e nada menos que 104 metros de altura – equivalentes a um prédio com mais de trinta andares. Deve ter finalmente agradado ao faraó, pois suas construções terminaram aí. Ambas são estáveis até hoje.

Os problemas enfrentados pelos engenheiros de Snefru levaram ao aprimoramento das técnicas de construção. A reavaliação teria beneficiado seu sucessor, o faraó Quéops, que determinou a construção daquela que se tornaria a maior já feita e até o fim da história egípcia, em Gizé. A pirâmide de Quéops levou 23 anos para ser construída. Tinha nada menos que 230 metros de base e 146 metros de altura — equivalente a um prédio de mais de 40 andares. Estima-se que foram necessários 285 blocos de 2,5 t de granito por dia levados para o local da obra.

## TRADIÇÃO FARAÔNICA

O filho de Quéops, Quéfren, decidiu seguir a tradição faraônica. Mas não conseguiu superar o pai por questão de alguns metros. Sua pirâmide, também em Gizé, atingiu 214,5 metros de base e a altura final de 143 metros acabou-a fazendo comparável a de Quéops. Quéfren construiu também a esfinge junto ao complexo de templos funerários e pirâmides menores das rainhas ao redor das grandes pirâmides. A obra monumental fica diante da sua pirâmide e tem corpo de leão e cabeça humana. Provavelmente, seja um retrato do próprio faraó, apresentado como guardião protetor da necrópole. Suas dimensões são 20 metros de altura e 70 metros de comprimento.

Caberia ao faraó Miquerinos, ainda na 4ª Dinastia, mandar erguer a terceira maior pirâmide egípcia de todos os tempos, também em Gizé.

Ficou com base de 105 metros e altura de 65,5 metros. Sua dimensão menor pode ser atribuída ao fato de Miquerinos ter morrido antes do fim da construção, fato que teria obrigado a conclusão da pirâmide às pressas, com tijolos de barro ao invés dos blocos de pedra. As pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos não eram só as maiores como as mais luxuosas. Conta-se que um faraó morreu e tempos depois roubaram sua tumba. O faraó que era filho desse faraó que tivera sua tumba roubada, não queria que acontecesse o mesmo com ele e então ele mandou que fizessem uma tumba com mais segurança. E teve início uma tradição que seria aprimorada por gerações de governantes.

A construção de pirâmides prosseguiu ao longo da 5ª Dinastia, mas com obras mais modestas por questões econômicas. Em Abu-Sir, foram levantadas as pirâmides de Sahurá, Neferirkará e Niuserrá, com altura, respectivamente, de 47, 72 e 52 metros. A do faraó Unas, em Saqqara, ficou com 43 metros de altura. Embora de dimensões modestas, sua importância tornou-se muito grande para a antropologia e a história, uma vez que as paredes internas foram cobertas com inscrições em hieróglifos que constituem o mais antigo exemplo de literatura religiosa.

A forma de construção também se alterou e as pirâmides tornaram-se mais artísticas e menos técnicas. Seus engenheiros pareciam mais preocupados com a beleza externa dos materiais e relevos do que com as estruturas internas sólidas. As pirâmides dos faraós Userkaf e Sahure, por exemplo, foram feitas em calcário, ao invés de granito usado anteriormente. Na parte interna, não traziam mais uma torre compacta e resistente. As paredes de alvenaria eram preenchidas com entulho, escondido por uma face lisa de calcário. Esses métodos apesar de mais rápidos e econômicos, não se comparavam aos antigos, além do uso de um material menos resistente. Como resultado, as pirâmides da 5ª Dinastia em diante encontram-se em ruínas.

## O FIM DAS PIRÂMIDES

A 12ª Dinastia dos faraós tornou-se o último período da construção de pirâmides, por volta do século XVII a.C. sem o esplendor e o poder de antes. As pirâmides refletiam a decadência egípcia, as construções revelaram-se pouco seguras para resguardar os túmulos reais, pois além de atrair ladrões, a instabilidade política e econômica fez com que esses templos sagrados fossem saqueados.



Entre em nosso Canal no Telegram [@tune/BRASILREVISTAS](#)

# AS PIRÂMIDES

---

## UMA DAS 7 MARAVILHAS

*Resistentes às intempéries e à passagem do tempo, as pirâmides e templos egípcios são nosso passaporte para um passado glorioso, edificado às margens do rio Nilo e de grande influência para as gerações futuras.*

**F**ascinantes em sua contemplação, esses prodígios da antiga engenharia contam-nos histórias de sucessões, guerras e disputas políticas, engendradas ao longo do extenso período em que os egípcios ditaram ao mundo as regras da civilização.

Estudar tais edificações é um trabalho tão prazeroso quanto desafiador. À medida que se amplia nosso conhecimento sobre a história e o legado dos povos antigos, os estudiosos sentem-se mais à vontade para estruturar suposições e formalizar teorias sobre eventos imemoriais. E poucos temas suscitaram tantas teorias quanto a saga dos antigos egípcios, que continua a desafiar nossa compreensão e permanece imersa em fascinante mistério.

## TÚMULO DE QUEÓPS

Hoje, os estudiosos estão convencidos de que a Grande Pirâmide foi o túmulo do faraó Quéops. Devido à beleza de suas formas e precisão matemática empregada em sua construção, a Grande Pirâmide é apontada como uma das grandes maravilhas da humanidade. A construção dessa imensa estrutura consumiu nada menos do que 2 milhões de blocos de granito – que pesavam, cada um, cerca de duas toneladas.

Situado no planalto de Gizé, o imponente edifício levou muitos anos até ficar pronto. Seu idealizador, Quéops, teria sido um estadista metucioso, que pôs em ordem a economia egípcia e promoveu melhorias na vida da população. De acordo com a mentalidade da época, é natural que um grande líder como Quéops tenha mandado erigir em sua memória um túmulo de tal monta. Mais ao leste, igualmente preservadas contra a devassa do tempo, identificam-se outras duas pirâmides, de proporções mais modestas. Essas, talvez fossem destinadas às esposas ou filhas de Quéops — as quais, por sua relação de sangue com o faraó, também se investiam de grande reverência. Obedecendo a uma prática ritualística amplamente difundida no período, as pirâmides são ladeadas por “barcas solares”, acondicionadas em poços.

Difícil é precisar como essas imponentes construções foram levadas a cabo, levando-se em conta que os colossais blocos de granito precisavam ser trazidos de Assuã e acondicionados em uma altura elevadíssima. Diz-nos o historiador Heródoto que só a preparação do platô de Gizé consumiu uma década de trabalho árduo, e que a construção da Grande Pirâmide estendeu-



-se por mais de 20 anos. Heródoto também sugeriu que o trabalho demandara o esforço conjunto de 100 mil homens, embora estudiosos contemporâneos afirmem que o número de operários demandado pela obra foi de 80 mil. Além de imponentes, tais monumentos eram erigidos com espantosa exatidão topográfica. A base da Grande Pirâmide não possui oscilações de nível superiores a 2,5 cm de altura. As faces do edifício também acham-se criteriosamente voltadas para os pontos cardeais.

## SEM HIERÓGLIFOS

O grande enigma é que, nessa pirâmide, não foram encontrados hieróglifos e outras evidências sobre sua utilização. De fato, o único aspecto que liga a Pirâmide de Quéops ao faraó de mesmo nome é uma inscrição deixada por um trabalhador da pedra de Assuã na chamada “área de tensão estrutural” do edifício. É verdade que um grande sarcófago forjado em granito foi encontrado na “Câmara do Rei”, localizada no alto da pirâmide, mas não há constatação formal de que tenha pertencido a Quéops. Uma das hipóteses estruturadas pelos egiptólogos, inclusive, é a de que o faraó tenha ordenado um “falso” funeral para si, recomendando a seus homens de maior confiança que seu corpo fosse sepultado em outro local (a múmia de Quéops nunca foi descoberta) — provavelmente, em uma das pirâmides de Dashur. Colabora para esta teoria o fato de que Quéops sonhava em transformar a Grande Pirâmide em um templo de estudos.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)



## ■ ESTÁTUAS

*As grandes estátuas egípcias retratavam animais que representavam deuses.*



## Os DEUSES EGÍPCIOS

*Como uma sociedade politeísta, o Antigo Egito vivia em função do culto a seus deuses. As divindades tinham em comum com os homens o fato de que podiam nascer, envelhecer e morrer, possuíam um corpo que deveria ser alimentado, um nome pelo qual eram chamadas e até sentimentos eram atribuídos a elas.*

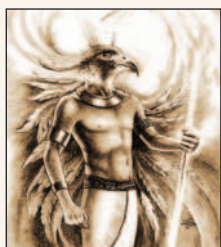
Esses aspectos humanos, no entanto, escondiam uma natureza excepcional. Os antigos egípcios acreditavam que o corpo dos deuses era composto por matérias preciosas e dotado de um poder de transformação. Além disso, as lágrimas dos deuses poderiam dar origem a seres ou minerais e eles eram incrivelmente temidos.

A representação dos deuses era feita de forma variada. Algumas divindades eram totalmente humanas, outras inteiramente animais, com corpo de homem e cabeça de animal etc. A esfinge, por exemplo, que é a imagem do deus sol, é um leão com cabeça humana. Eis os principais deuses cultuados no Antigo Egito:



## AMON

Rei dos deuses, é o senhor dos templos de Luxor e Karnak. Sua esposa se chama Mut e seu filho Khonsu. Sua personalidade formou-se por volta de 2000 a.C. e traz algumas funções de Ré: sob o nome de Amon-Ré, ele é o sol que dá vida ao país. Na época de Ramsés III, Amon tornou-se um monárquico, mesmo título que Ptah e Ré. Frequentemente representado como um homem vestido com a túnica real e usando na cabeça duas altas plumas do lado direito, ele se manifesta, igualmente, sob a forma de um carneiro e, mais raramente, de um ganso.



## DEUS RÉ

É um dos nomes do sol, um dos principais deuses egípcios. Em Heliópolis (“a cidade do sol”, em grego), é ele que, depois de ter decidido existir, cria o mundo e o mantém vivo. Quando desaparece no oeste, à noite, ele é Atum, velho curvado, esperado no além pelos mortos que se aquecem com seus raios. Pela manhã, renasce no leste com a forma de um escaravelho (Khepri). Durante o dia clareia a terra, sempre com a forma de um falcão. Esses três aspectos e 72 outros são invocados em uma ladainha sempre na entrada dos túmulos reais.



## OSÍRIS

É considerado o deus dos mortos, da ressurreição e da vida eterna. Por isso, fazer oferendas a Osiris é um passo fundamental no caminho da eternidade. Existe uma antiga lenda envolvendo Osiris. Ele era o filho primogênito de Gheb (a terra) e de Nut (o céu). Ele sucede seu pai no trono do Egito. Ciumento, seu irmão Seth o mata e espalha por todo o país os pedaços de seu cadáver. Suas irmãs, Ísis e Nefthis, o reencontram e com a ajuda de Anúbis devolvem-lhe a vida para permitir a Ísis conceber Horus. Tendo legado a realeza terrestre a seu filho, Osiris reina no mundo subterrâneo e julga os mortos.



## SETH

Trata-se de um estranho galgo com longas orelhas cortadas, focinho recurvado e longa cauda fendida. Filho de Gheb e de Nut, Seth é um deus complexo e ambíguo. Da proa da barca de Ré, ele trespassa com sua lança os inimigos do Sol.

Serve ao faraó, combatendo com a força de seu braço. Mas é perigoso, violento, imprevisível. A lenda de Osíris mostra-o em um mau dia: assassino de seu próprio irmão, ele persegue Horus com seu ódio. Jamais Seth renuncia à luta, pois ele é o necessário fomentador de problemas no mundo regido por Maát.

### MAÁT

Esta deusa, que traz na cabeça uma pluma de avestruz, representa o equilíbrio, a harmonia do Universo tal como foi criado inicialmente. Em sociedade, esse respeito pelo equilíbrio implica na prática da equidade, verdade, justiça. No respeito às leis e aos indivíduos; e na consciência do fato de que o tratamento que se inflige aos outros pode nos ser infligido. É Maát, muito simbolicamente, que se oferece aos deuses nos templos. Ela cuida dos tribunais e também possui templos.



### ANÚBIS

É o mestre dos cemitérios e o patrono dos embalsamadores. É mesmo o primeiro entre eles, a quem se deve o protótipo das múmias: a de Osíris. Todo egípcio espera beneficiar-se em sua morte do mesmo tratamento e do mesmo renascimento dessa primeira múmia. Ele também introduz os mortos no além e protege seus túmulos com a forma de um cachorro deitado em uma capela ou caixão. É representado como um homem com cabeça de cachorro ou forma de um cachorro ou na forma de um cachorro selvagem. Esse animal que frequenta as necrópoles lhe é associado.



### NEFTIS

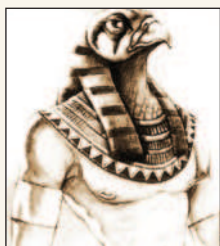
É um dos filhos de Gheb e de Nut, a irmã de Ísis, Osíris e Seth. É esposa desse último, mas, quando ele trai e assassina Osíris, ela permanece solidária a Ísis, ajudando-a a reunir os membros espalhados do defunto e também tomando a forma de um milhafre para velá-lo e chorá-lo. Como Ísis, ela protege os sarcófagos e um dos vasos canopos. É ainda na companhia de Ísis que ela acolhe o sol nascente e o defende contra a terrível serpente Apófis.





## HATOR

É, junto com Ísis, a mais venerada das deusas. Distribuidora de alegria, é a “dama da embriaguez”, em honra de quem se bebe vinho e se toca música. Também é a protetora da necrópole de Tebas, que sai da falésia para acolher os mortos e velar os túmulos. É adorada sob a forma de uma mulher com chifres de vaca e disco solar na cabeça, de apenas uma mulher com cabeça de vaca ou simplesmente uma vaca. Um rosto de mulher visto de frente e provido de orelhas de vaca, a cabeleira separada em duas abas com as extremidades enroladas, às vezes basta para evocá-la.



## HORUS

Filho de Osíris e Ísis, teve uma infância difícil. Sua mãe teve de escondê-lo de Seth, o irmão de Osíris que cobiça ocupar seu lugar no trono. Após ter triunfado sobre Seth, no entanto, Horus assumiu o trono dos vivos. Ele é representado como um homem com cabeça de falcão ou como um falcão, sempre usando as duas coroas de rei do Alto e Baixo Egito. Na qualidade de deus do céu, ele é o falcão, cujos olhos são o sol e a lua. Criador do universo e de todo tipo de vida, Horus era adorado em todo lugar.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)



## PTAH

Deus de Mênfis, que foi a capital do Egito no Antigo Império, ele concebeu o mundo em pensamento e o criou por sua palavra. Seu grande sacerdote chama-se “o superior dos artesãos”. É muito venerado pelos trabalhadores manuais, particularmente pelos ourives. Tem o préstimo dos operários de Deir el-Medineh. É representado com uma vestimenta colante, que dá a impressão de estar sem pescoço e usando na cabeça uma calota. Tem como esposa a deusa Sekhmet e por filho o deus do nenúfar, Nefertum.



## NEITH

É a mais antiga deusa citada pelos textos, talvez a protetora do Baixo Egito bem antes da unificação do país. Venerada principalmente em Sais, no Delta, ela é representada como uma mulher que usa a coroa vermelha do Baixo Egito. Seu nome se escreve com duas flechas ou dois arcos, o que a designa bem como uma deusa guer-

reira. Também é protetora, com Duramulef, do vaso canopo do estômago. Ela parece ser uma divindade que basta a si própria, um dos raros princípios criadores femininos entre os deuses egípcios.

### THOT

É um deus cordato, sábio e uma espécie de assistente dos outros deuses. Divindade à qual era atribuída a revelação ao homem de quase todas as disciplinas intelectuais: a escrita, a aritmética, as ciências em geral e a magia. Era o deus-escriva e o deus letrado por excelência. Teria sido o inventor da escrita hieroglífica e era o escriba dos deuses; senhor da sabedoria e da magia. Preside a medida do tempo: o disco na cabeça é a lua, cujas fases ritmam os dias e as noites. Representado como um íbis ou um homem com cabeça de íbis, ou ainda um babuíno.



### SEKHMET

É o deus mau caráter, aquele que tem cóleras pavorosas que podem propagar no país ventos ardentes, epidemias e a morte. Seus sacerdotes são experts em magia e medicina. Em Mênfis, Sekhmet é a esposa de Ptah e mãe de Nefertum. É quase sempre representada como uma mulher com cabeça de leoa, coroada com o disco solar.



### AMENÓFIS

Venerado pelos operários, sem dúvida na qualidade de fundador da instituição do Túmulo. O rei Amenófis I divinizado é, por sua vez, um deus e uma espécie de santo patrono. Filho da rainha Ahemés-Nefertari e do rei Amófis, ignora-se onde estaria seu túmulo, mas seu templo de milhões de anos estava separado deste.



### BÉS

Parece um vilão, mas, sob melhor julgamento, se vê que ele é benéfico. Parece um anão obeso, com pernas arqueadas e rosto pouco gracioso; mostra a língua ao espectador que o fita no fundo dos olhos. Por outro lado, ele protege contra mau-olhado, ajuda nos partos, espalha alegria e caça os maus espíritos dançando e tocando música, além de proteger dos pesadelos aqueles que dormem. Estas são as razões pelas quais ele decora camas, apoios de cabeça, objetos de toalete e instrumentos de música...





## MERETSEGER

É a dama da necrópole tebana, a deusa do cimo mais elevado que domina o maciço montanhoso. Sua notoriedade ultrapassa muito pouco o plano local, mas nestes limites é muito venerada, particularmente pelos operários do Túmulo. Possui capelas em sua cidade, até mesmo nas casas, assim como um pequeno templo cavado na rocha perto do Vale das Rainhas, onde está associada à deusa Ptah. Protege os mortos e pode punir os maldosos. Representada mais frequentemente como uma serpente, às vezes com cabeça humana, ela pode também ser uma mulher com cabeça de serpente.

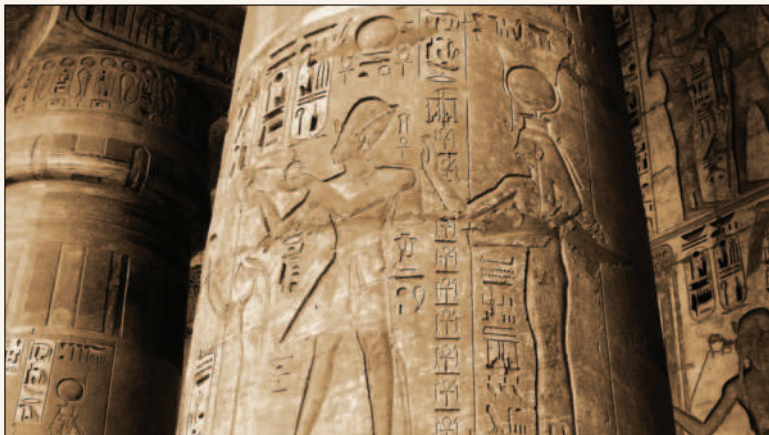


## ÍSIS

É a mais popular de todas as deusas egípcias, o modelo das esposas e mães, a protetora da magia invencível. Após a morte de Osíris, ela reúne os pedaços de seus despojos, se transforma em milhafre para chorá-lo, se empenha em reanimá-lo e dele concebe um filho, Horus.

Ela defende a bico e unhas o filho contra as agressões de seu tio Seth. Perfeita esposa e boa mãe, ela é um dos pilares da coesão sócio-religiosa egípcia. Usa na cabeça um assento com espaldar que é o hieróglifo de seu nome.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)



## ■ HIERÓGLIFOS EGÍPCIOS

*As colunas decoradas com hieróglifos revelam uma sociedade sofisticada.*



## UMA SOCIEDADE PATRIARCAL

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

*A sociedade do Antigo Egito era patriarcal, mas a mulher exercia grande influência sobre toda a civilização egípcia. Os egípcios estavam tão à frente de seu tempo que as mulheres podiam escolher seus maridos e pedir divórcio.*

**T**al costume, já milenar na época dos césores, scandalizava o Senado romano. O pai era responsável pelo sustento da família, enquanto a mãe cuidava do lar e criava as crianças. Os filhos se preparavam desde cedo para a vida adulta e, muitas vezes, eram aprendizes dos pais (a sociedade egípcia era dividida em castas, quase sempre sem mobilidade social, ou seja, o filho de um artesão seria um artesão, o filho de nobre seria nobre etc.).

### VAIDADE

A nobreza egípcia era muito vaidosa. Tanto homens como mulheres usavam roupas de linho branco e peles raras, além de magníficos colares e braceletes de ouro, incrustados com pedras preciosas e semipreciosas, como

ametista, turquesa, lápis-lazúli etc. Por ser um povo muito supersticioso, os egípcios desenvolviam jóias que continham amuletos.

Os cosméticos usados pelo faraó e sua corte também eram de extrema importância, pois seu uso era destinado não apenas ao aspecto estético, mas também à saúde e higiene. Na realeza, costumava-se pintar os olhos com kohl, uma tinta preta obtida a partir do chumbo, da fuligem ou da grafite.

Para os antigos habitantes do Nilo, os cabelos eram considerados uma “sujeira” do corpo. Muitos os raspavam e usavam elaboradas perucas no lugar. Essas perucas, ironicamente, eram feitas com cabelo humano e presas com resinas e ceras que, sob o calor escaldante do Egito, derretiam e emitiam odores perfumados.

## ALIMENTAÇÃO

Em relação à alimentação, os pesquisadores também já obtiveram uma coleção de informações através das escavações arqueológicas. Os arqueólogos encontraram pratos, terrinas, travessas, cálices, facas, colheres e garfos, o que abre a possibilidade para o consumo de sopas, purês, pratos guarnecidos acompanhados de molho, compotas e cremes.

As baixelas dos ricos eram de pedra: granito, xisto, alabastro e uma certa espécie de mármore. As taças de formato pequeno eram de cristal. Por outro lado, o material pictórico deixado pelos egípcios mostra que, à mesa, eles se serviam muito dos dedos para se alimentar.

Os egípcios alimentavam-se sentados, a sós ou acompanhados, diante de uma mesinha sobre a qual eram postas as provisões. Os rapazes sentavam-se sobre almofadas ou esteiras. Pela manhã, não havia a reunião da família para a refeição.

O marido e a esposa eram servidos em separado. Ele, tão logo se aprontava, e ela enquanto a penteavam ou logo após. Pão, cerveja, uma coxa de galináceo e um bolo era um bom repasto para o esposo.

## CASAMENTO

Ao que tudo indica, as jovens podiam se casar a partir da idade de 12 ou 14 anos e os rapazes por volta dos 16 ou 17, mas isso dependia da situação financeira do casal.

Os rapazes eram incentivados a se casarem cedo, para terem filhos. Além do consentimento que davam ao matrimônio, os pais pareciam pouco interferir na escolha dos filhos, com a qual geralmente concordavam e aprovavam.

É certo que havia casos em que os pais ou superiores decidiam casamentos, mas, em geral, os jovens eram livres para seguir o que desejavam. Sentyotes, por

exemplo, uma grande princesa, casou-se com o anão Seneb e conseguiu dar-lhe um filho e uma filha normais. Os pais, baseados em antigas máximas que haviam sido escritas no decorrer da 5ª Dinastia, repetiam: “Se és sábio, guarda tua casa, ama tua mulher sem confusão, alimenta-a como convém, veste-a bem. Afaga-a e satisfaz seus desejos. Não sejas bruto; obterás mais dela com atenções que com violência. Se a repeles, teu lar irá por água abaixo. Abre-lhe os braços, chama-a; dá-lhe provas de teu amor.”

Quanto à moça, recebia também as matronas encarregadas de lhe dar conselhos úteis e lhe preparar para seu futuro estado de mulher. Evocava-se, então, a deusa Ísis, protótipo absoluto da esposa e daquela que dá à luz, e cujo amor, fidelidade e solicitude nunca falharam. Invocava-se também a bênção de Hátor, pois ela dá às mulheres filhos e filhas, sem que as toquem doenças ou necessidade.



## ■ REPRESENTAÇÃO PICTÓRICA

*Figura que representa o faraó, a rainha e uma divindade do Egito Antigo.*

Ainda que os faraós pudessem desposar suas irmãs e até mesmo as próprias filhas por razões dinásticas, o povo em geral não adotava a mesma prática incestuosa. Amantes e esposos chamavam uns aos outros de meu irmão e minha irmã, mas isso era apenas uma forma carinhosa de tratamento.

O casamento de tios e sobrinhas, entretanto, parece ter sido permitido. Os documentos não indicam que houvesse antes do casamento um período correspondente ao nosso atual noivado.

O que parece ter sido exigido é a virgindade para a jovem nubente, fato ao qual era dada uma grande importância. O romantismo, por outro lado, sempre existiu. Um jovem escreve com relação à sua amada: “Negra é a sua cabeleira, mais negra do que o escuro da noite, mais negra do que a baga do abrunheiro silvestre. Vermelhos os seus lábios, mais vermelhos do que do que tâmaras maduras. Os seus dois seios estão bem plantados no seu peito.”

No caso de ser firmado um contrato de casamento entre as partes, o que podia ocorrer até sete anos após o início da coabitação, procurava-se garantir os direitos da mulher e dos herdeiros se eventualmente houvesse a separação do casal ou morte do cônjuge.

Tanto o homem quanto a mulher podiam pedir o divórcio, ato que não exigia qualquer formalidade nem a redação de qualquer documento. Bastava que um cônjuge repudiasse o outro oralmente.

Adulterio, incompatibilidade de gênios ou esterilidade eram algumas das causas que podiam acarretar a separação. O marido podia enviar à esposa um documento informando-a que renunciava à união conjugal, liberando-a para um novo casamento.

Pelo menos teoricamente, o adultério era punido com severidade. As leis previam a emasculação para o homem violador, uma punição com cem bastonadas caso o crime tivesse sido praticado sem violência, a mutilação do nariz e das orelhas, ou ainda trabalhos forçados. A mulher podia ter o nariz cortado ou ser banida para a Núbia. Na prática, as punições eram bem mais brandas, quando existiam. Afinal, a própria deusa Néftis, irmã e amante do deus Seth, lhe fora infiel com o deus Osíris. Os pintores e os escultores dão-nos uma imagem simpática da família egípcia. O pai e a mãe aparecem de mãos dadas ou abraçados pela cintura. Os filhos, muito pequenos, agrupam-se em torno dos pais. No reinado de Akhenaton, tornou-se moda representar as efusões do casal régio. A rainha aparece sentada nos joelhos do rei e nas pinturas sepulcrais, o marido e a mulher aparecem retratados sempre um junto do outro, unidos para toda a eternidade como seria bom supor que tivessem sido durante a vida.



PARTE II  
CIVILIZAÇÃO  
MAIA



MAIAS, INCAS E ASTECAS FORAM OS POVOS  
PRÉ-COLOMBIANOS QUE SE DESTACARAM  
NO CONTINENTE AMERICANO PELA  
GRANDIOSIDADE E COMPLEXIDADE DE SUA  
CULTURA, RELIGIÃO E CIÊNCIA.

ALÉM DE GRANDES CONHECEDORES DE  
TÉCNICAS AGRÍCOLAS E DE GUERRA, ELES  
FORAM CONQUISTADORES E DIFUNDIRAM  
SEUS COSTUMES PELAS REGIÕES DA AMÉRICA  
CENTRAL E DO SUL. AS TRÊS FORAM  
DESTRUÍDAS PELOS INVASORES ESPANHÓIS A  
PARTIR DE 1500. MESMO ASSIM, TRAÇOS DE  
SUAS CULTURAS PERMANECEM ATÉ HOJE PARA  
REVELAREM SUA MAGNITUDE.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

**A** civilização maia ficou conhecida como “os gregos da América”, por causa de sua organização em cidades independentes, da mesma forma que ocorria na antiga Grécia. Por outro lado, jamais constituiu um império. Ainda assim, os maias criaram a mais antiga civilização pré-colombiana — anterior à chegada dos europeus no século XV — e talvez a mais original e misteriosa. Os maias habitaram e governaram o território onde hoje corresponde ao México, Guatemala, Honduras e El Salvador. Seu auge se deu no período de 600 a 900 d.C. Seu declínio e desaparecimento ocorreram no século XVI. Um exemplo de seu esplendor foi que os maias tiveram uma sociedade rígida, semelhante aos moldes de outros povos de sua época em outros continentes – África, Ásia e Europa. A classe mais baixa era a dos escravos que formaram a mão-de-obra para a construção de suas colossais pirâmides escalonadas, em cujos topos ficavam os templos consagrados à adoração de vários deuses. Ao mesmo tempo, suas cidades desfrutavam de sistema hidráulico e de esgoto. E desenvolveram um sistema de escrita que legou à humanidade livros de medicina, botânica, história, matemática e astronomia.



## ASPECTOS DA CIVILIZAÇÃO MAIA

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

*Sabe-se que civilização maia tem sua origem presumida por volta de cinco a sete mil anos.*

O povo maia ocupava um vasto território de aproximadamente 500 mil quilômetros quadrados ao sul do México, Guatemala e a norte de Belize. Hoje, essa área corresponde a nada menos que cinco estados mexicanos, Campeche, Chiapas, Quintana Roo, Tabasco e Yucatán, e mais quatro países da América Central, Belize, El Salvador, Guatemala e Honduras. Toda essa área é agora conhecida como ‘Mundo Maia’ e nela se encontram zonas arqueológicas, cidades coloniais, comunidades indígenas, reservas ecológicas e parques nacionais.

Quando chegaram à região do atual México, no ano de 1519, os conquistadores espanhóis se espantaram com as riquíssimas cidades que fizeram parte de duas civilizações: os maias e os astecas. Embora não se saiba ao certo qual é a sua origem, descobertas arqueológicas indicam o desenvolvimento de uma das mais notáveis civilizações do Novo Mundo.

Somente um século depois, porém, com a decifração dos ideogramas da escrita maia é que foi possível reconstituir parcialmente a história desse magnífi-

## ■ AGRICULTORES

*Os maias foram um dos primeiros povos do mundo a dominar a agricultura, que foi uma das bases para seu grande desenvolvimento.*

co povo. Sua história pode ser dividida em três períodos: o pré-clássico (1000 a.C. a 317 d.C.); o clássico ou Antigo Império (317 a 889); e o pós-clássico ou Novo Império (também conhecido por “renascimento maia”, até 1697).

Dos tempos da idade pré-clássica quase nada se conhece. Vestígios, no entanto, permitem concluir que nessa fase já existia uma estrutura religiosa e social, com uma classe sacerdotal especializada em matemática e astronomia. Provavelmente, foi nessa época que se criou o calendário maia.

### AGRICULTURA NO PERÍODO PRÉ-CLÁSSICO

Os maias sobreviviam na idade pré-clássica como agricultores, fabricavam cerâmica e usavam pedras de moer, o que permite supor a prática da cultura do milho. Suas pequenas comunidades se agrupavam em aldeias chamadas de Kaminajuyú. Sabe-se que as cidades de Uaxactun e Tical têm camadas inferiores que remontam ao século V a.C. Percebem-se lá as características fundamentais da civilização maia: a arquitetura com uma espécie de abóbada, inscrições hieroglíficas, uso de um calendário com épocas comemorativas.

O chamado Período Clássico existiu entre 250 e 950 d.C., corresponde ao florescimento de sua cultura e de sua religiosidade. Nessa época, foram construídos os grandes centros cerimoniais, como Tical, Uaxactun e Seibal, na Guatemala; Copán em Honduras, Palenque, Uxmal, Bonampak e Chichén-Itzá, no México.

As grandes metrópoles religiosas, então, eram formadas por construções em forma de edifícios típicos, templos construídos sobre uma plataforma piramidal, cobertos por uma espécie de abóbada em balanço e encimados por uma crista com cumeeira.

## PALÁCIOS E GALERIAS

Os palácios maias funcionavam essencialmente como residência principesca ou lugar de reunião. Eram dotados de numerosas galerias, cuja disposição aparecia em grupos distintos ligados por calçadas elevadas – construídas em torno de amplas praças, o que atesta certo senso de urbanismo.

Havia também nessa paisagem arquitetônica um conjunto monumental monolítico, composto de um altar com estela ornada por uma decoração esculpida. Uma vez que os maias nunca foram reunidos sob hegemonia de um poder central, cada centro conservou um estilo individual.

Os historiadores estabelecerem o fim da idade pré-clássica e o começo da clássica com base nas primeiras datas que puderam ser decifradas nos monumentos descobertos depois da chegada dos espanhóis. A mais antiga é a Tábua de Leida, pequena lâmina de jade encontrada em Uaxactum, talvez o centro mais importante do Antigo Império, que corresponde aproximadamente a 317 - 320 d.C. Mesmo divididos pelo idioma e espalhados sobre um enorme território, apresentam, no entanto, uma notável homogeneidade na escrita, no sistema de calendário, nas artes plásticas e no simbolismo religioso.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

## ORGANIZAÇÃO E DOMINAÇÃO, OS TOLTECAS

Os povos maias tiveram organização social e política entre os séculos IV a.C. e IX d.C. Durante os séculos IX e X foram dominados pelos toltecas, da região de Tula. Assim como os maias, os toltecas eram um povo que possuía avançados conhecimentos de astronomia e medicina. Desenhos de deuses, animais e figuras mitológicas preservadas mostram um império que chegou ao fim.

Os toltecas eram um povo nômade que habitou uma região do atual México no século IX. Quem visita as ruínas de Tula nota que a figura do deus-serpente aparece a todo instante nas construções do local. No centro da zona arqueológica, onde muitos monumentos foram restaurados, há ruínas de uma pirâmide que servia de suporte para um templo.

Os toltecas eram mais altos, fisicamente, e mestres em todas as artes, tanto que a palavra “tolteca” chegou a significar “artista” entre os astecas. Possuíam um elaborado sistema de escrita e consta até que tenham colecionado uma enciclopédia divina, mas nunca foi encontrada tal obra.

Por volta do século X, abandonaram Tula, mas antes de se retirarem incendiaram e destruíram os vestígios de sua civilização antiga. A confederação maia-tolteca não teve uma duração muito longa: discórdias internas, juntamente com pestes, invasões de outros povos, provocaram o fim do poder cen-

tralizado. Seguiu-se uma longa guerra, na qual se destacou um chefe estrangeiro, o asteca Moctezuma.

## APOGEU

A civilização maia se organizou como uma federação de cidades-estado e atingiu seu apogeu no século IV. Nesta época, começou sua expansão, a partir das cidades de Uaxactum e Tical. Os maias fundaram Palenque, Piedras Negras e Copán. Entre os séculos X e XII, destacou-se a Liga de Mayapán, formada pela aliança entre as cidades de Chichén-Itzá, Uxmal e Mayapán.

Essa tripla aliança constituiu um império, que teve sob o seu domínio outras doze cidades. O conjunto da cidade era considerado um templo. Os edifícios eram construídos com grandes blocos de pedra adornados com esculturas e altos-relevos, como os de Uaxactum e Copán.

Outra informação importante foi que não formavam um império unificado. As cidades constituíam a base da organização político-religiosa, na qual o governo era teocrático. Apenas a família real, os governantes e os servidores de Estado, como sacerdotes e cobradores de impostos, habitavam a zona urbana. Os agricultores e trabalhadores braçais faziam parte das camadas subalternas.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

## TICAL E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Exatamente como ocorria na antiga Grécia, as cidades maias eram Estados independentes, unificados principalmente pelo culto aos mesmos deuses e pelo idioma comum, eles viviam espalhados pela selva em pequenas aldeias. Erguida por volta do ano 250, Tical foi um importante centro sagrado, habitado apenas por nobres e sacerdotes, o restante da população dirigia-se ao local durante as festas religiosas que aconteciam na praça principal, onde se encontram pirâmides que têm função de templos.

Cada cidade-estado maia era governada por um chefe chamado de halch uinic, que era assistido por um conselho que incluía os principais chefes e sacerdotes. Dentre os chefes, se destacavam o batab, o civil, e o nacom, o militar. Pode-se dizer que a organização social dos maias era avançada tanto quanto as importantes civilizações de seu tempo, com escravos na base, que formaram a mão-de-obra para a construção de suas colossais pirâmides escalonadas; com uma elite constituída por nobres e sacerdotes, que viviam no centro da cidade; e com camponeses e artesãos que viviam nas cercanias dos centros urbanos. A mulher, nesse contexto, ocupava posição importante na vida social.

## AGRICULTURA

Como fonte de subsistência e até de sua economia, os maias praticavam basicamente a agricultura. Suas plantações incluíam três espécies de milho, algodão, tomate, cacau e batata. Cultivavam também o feijão, a abóbora, vários tubérculos, o mamão e o abacate. Nesse processo, desenvolvem avançadas técnicas de irrigação e realizaram trocas comerciais.

Os maias domesticaram o peru e a abelha, que serviam para enriquecer sua dieta, à qual somavam também a caça e a pesca. É importante observar que por serem os recursos naturais escassos, não lhes garantindo o excedente que necessitavam, a tendência foi desenvolverem técnicas agrícolas, como terraços, por exemplo, para vencer a erosão.

Para obter condições adequadas ao plantio, os maias drenaram seus pântanos. Ao lado desses progressos técnicos, observou-se depois que o cultivo de milho se prendia ao uso das queimadas. Durante os meses da seca, limpavam o terreno, deixando apenas as árvores mais frondosas. Em seguida, ateavam fogo para limpá-lo, deixando o campo em condições de ser semeado.

Com o uso de um bastão, os agricultores maias faziam buracos na terra onde colocavam as sementes de plantio. Dada a forma com que era realizado o cultivo, a produção se mantinha por apenas dois ou três anos consecutivos. Com o desgaste certo do solo, o agricultor era obrigado a procurar novas terras.

Ainda hoje, o recurso da técnica da queimada das matas para plantio, apesar de comprovadamente prejudicar o solo, é utilizada em diversas regiões do continente americano. As Terras Baixas concentraram uma população densa em áreas pouco férteis.

Por causa da produção pequena para as necessidades da população, foi necessário não apenas inovar em termos de técnicas agrícolas, como também importar de outras regiões produtos como o milho, por exemplo. O comércio era dinamizado com produtos como o jade, plumas, tecidos, cerâmicas, mel, cacau e escravos, através das estradas ou de canoas.

### A DESCOBERTA DE TICAL

Foi no século XVII que os espanhóis descobriram a cidade de Tical. Os desbravadores eram missionários que queriam converter tribos que viviam às margens do lago Petén-Itzá e passaram aterrorizados por suas ruínas. A partir desse relato feito pelos religiosos, o coronel Modesto Mendez, em 1848, foi procurar a cidade, e quando a encontrou ficou maravilhado com a cultura. Impressiona e se mantém como mistério até hoje o tamanho da pirâmide e dos templos feitos daquele tamanho com objetos construtores equivalentes aos da

idade da pedra europeia. Além disso, a cidade possuía grandes reservatórios de água. Mais recentemente, foram encontradas pirâmides maias na Guatemala, com até 45 metros de altura na região de Nakbe, e com objetos datados de mais ou menos 400 a.C.

Calcula-se que em seus tempos de esplendor, no decorrer do século IX d.C., a cidade de Tical chegou a reunir uma população com cerca de 50 mil pessoas. Em parte, tal fenômeno habitacional se deve a sua localização no cruzamento de rios que se encontram no caminho entre o Golfo do México e o Mar do Caribe. No ano 900, aproximadamente, o povo abandonou a região, rumo ao norte.

Permanecem como um mistério os motivos da partida repentina dos maias em direção ao norte. Acredita-se que o êxodo tenha sido causado por uma epidemia ou pelo aumento da população, gerando escassez de alimentos. Hoje, as pedras de Tical despertam reverência não só de visitantes, mas também de estudiosos que decifram a escrita maia e revelam aos poucos os segredos dessa brilhante civilização.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)



## ■ TICAL

*Uma das maiores concentrações populacionais maias ocorreu na cidade de Tical.*



## Entre em nosso Canal no Telegram [t.me/DEASTRANILHAS](#) **AS CIDADES MAIAS**

*A arquitetura maia era algo estreitamente ligado a um culto religioso e determinado por cálculos matemáticos.*

**A**s fileiras das pirâmides simbolizavam os níveis do universo: a própria pirâmide representava a montanha do céu, que o Sol deve galgar e descer a cada dia. Não por acaso, seus monumentos e edifícios eram erguidos em lugares altos, talvez para aproximá-los das divindades – o deus Sol, a deusa Lua.

Mas tinha também uma finalidade defensiva, de resguardo dos altares. As pedras utilizadas para as construções eram transportadas nos ombros dos escravos, uma vez que não se conhecia a roda. No império maia não havia cidades, mas centros de cultos com edifícios, palácios, observatórios, campos de jogos e praças muito distantes uns dos outros, e os camponeses viviam em choças de palha, que contrastavam fortemente com o luxo das construções religiosas e dos palácios dos nobres. As choças erguidas pelos maias não sobreviveram ao tempo. Sabe-se de sua utilização graças às suas representações nos afrescos dos templos e palácios.

## LEGADO

A grandiosidade dos maias pode ser hoje constatada graças aos monumentos que deixaram como legado de sua existência. Eles construíam grandes edifícios e pirâmides de pedra. Um desses colossos é a pirâmide I ou Templo do Jaguar, considerada a maior das seis pirâmides de Tical.

Essa construção mede aproximadamente 70 metros de altura e era, além de templo de homenagem a Itzamna, túmulo dos governantes. Outro destaque é o Centro Cerimonial de Tical, localizado em meio à exuberante floresta tropical, densa e úmida.

## CULTO

Boa parte da arquitetura maia era devotada ao culto religioso. Suas cidades funcionavam como centros religiosos, enquanto que o povo vivia em choças e casas de adobe. Os templos eram de forma retangular e construídos sobre pirâmides truncadas, acessíveis por escadas laterais.

Na arte maia, destacava-se a combinação da arquitetura com a decoração em relevo de estuque e pedra-sabão. O “Caracol” era um observatório astronômico com seteiras voltadas para os planetas Vênus, Marte, Júpiter, Estrela Sírio e Lua. Havia também o “Castelo”, em forma de pirâmide com quatro escadas centrais, cada uma com 90 degraus, e mais cinco degraus que levavam até o templo, o que somava 365 degraus.

Dentre as peças remanescentes dos antigos maias, muitas eram feitas com liga de 960 milésimos de ouro puro e alguns objetos oriundos de regiões distantes. Esses detalhes deixaram claro que eles tinham contato com as culturas ameríndias.

## EM EL SALVADOR

Chamado de plegar da América Central, o país de El Salvador esconde no subsolo de uma área de 20,7 mil quilômetros quadrados – aproximadamente a mesma do estado de Sergipe – as riquezas culturais de pelo menos 300 sítios arqueológicos com vestígios dos povos maias ou de seus descendentes escondidos em terras salvadorenhas.

Por falta de recursos, apenas oito foram recuperados e estão abertos para visitação. Segundo estudiosos, foi a única cultura pré-hispânica que inventou um sistema de escrita perfeito e um calendário astronômico preciso.

Os salvadorenhos consideram o país a “porta sul do mundo maia” e acreditam que foi a partir de lá que eles se expandiram para os países vizinhos. Gran-

de parte do legado dos maias, dos seus antecessores e descendentes, como os pipiles – originários do próprio país –, foi coberta pelas lavas dos vários vulcões arraigados na região.

Além da falta de dinheiro para escavações, os terremotos que assolaram o país têm dificultado ainda mais os trabalhos de recuperação da civilização maia. Dos sítios recuperados, os mais importantes são o Joya de Ceren — o único até agora decretado Patrimônio da Humanidade pela Unesco —, o San Andrés e o Tazumal.

Entre esses dois sítios, um praticamente complementa o outro, embora datem de épocas distintas. Joya de Ceren, a apenas 40 quilômetros da capital San Salvador, é uma aldeia onde é possível ter uma ideia de como viviam os maias. Há casas com utensílios domésticos usados na cozinha, camas esculpidas em rochas e até mesmo uma sauna.

A aldeia foi soterrada por lavas vulcânicas há cerca de 1,4 mil anos. Por isso é chamada de “Pompeia da América”. Acredita-se que os moradores tiveram tempo de escapar das cinzas, pois não foram encontrados vestígios de pessoas.

Para os turistas que querem conhecer parte desse rico tesouro histórico, a pirâmide de San Andrés, no vale de Zapotitán, fica a apenas dez minutos de Joya de Ceren. Teria sido habitada por cerca de 12 mil pessoas e era considerada área de comércio e lazer. Há uma arena onde se jogava uma espécie de basquete, com bolas que eram arremessadas em aros esculpidos nas pedras das paredes.

A 80 quilômetros da capital, na cidade de Chalchuapa, fica o Tazumal, onde provavelmente os antepassados realizavam ritos religiosos. Do alto de uma pirâmide de 23 metros era possível avistar todo o vale, as plantações e as vilas próximas. Teve as escadarias interditas ao público por causa da deterioração.

Nota-se em toda a pirâmide rachaduras provocadas pelo tempo e principalmente pelos terremotos. Apesar de sua importância, quem já visitou áreas arqueológicas como Chichén-Itza, no México, talvez fique um pouco decepcionado, pois os sítios salvadorenos são de pequeno porte e não se leva mais do que duas horas para uma visita completa, incluindo os museus. Por outro lado, devido ao tamanho de seu território, o acesso a qualquer região é fácil e rápido, o que possibilita a visita a várias atrações num mesmo dia. O melhor é recorrer a uma agência turística para fazer os passeios de carro, pois o transporte público não é muito eficiente.

## O TÚMULO DE PACAL VOTAN

Dentre os lugares que mais atraem atenção dos visitantes que viajam para o México a fim de conhecer suas antigas civilizações é a magia de Palenque. Nesse local foi descoberto o túmulo de Pacal Votan, em 1947. Trata-se do único túmulo em pirâmide, no México, de estilo egípcio. Não há nada em Palenque que não seja impressionante. As esculturas em baixo-relevo da Cruz Folhada e da Cruz do Sol, eu já os tinha visto.

## RUÍNAS DEL REY

As ruínas Del Rey formam a maior zona arqueológica de Cancun, localizada no km 19 de Boulevard Kukulcán. Contém praças delimitadas por edifícios e plataformas que se comunicam por um caminho de 200 m. A zona teve o seu auge no período de 1250 a 1521 d.C.

## TULUM E COBÁ

Tulum é a zona mais visitada do mundo maia. Trata-se de uma imponente cidade rodeada por muralhas junto ao mar do Caribe. Foi construída entre os anos 250 e 900 d.C. Os seus edifícios mais importantes são o Castelo que se encontra a doze metros de altura, o Templo del Dios Descendente, com a imagem de Itzamna na fachada, e o Templo de Los Frescos, com pinturas no interior.

Cobá é considerada como uma das mais importantes cidades dos maias. Tinha cerca de 100 quilômetros quadrados. A sua pirâmide, Nohoch Mul, com 42 metros de altura e com 120 degraus, é a mais alta da península de Yucatan.

Os edifícios da cidade estão no meio da selva e o percurso pode ser feito através das calçadas de pedra branca, existindo mais de 50, que servem para fazer a comunicação entre a cidade e as zonas periféricas. O núcleo de Cobá é formado por cinco grupos de grandes edifícios: Cobá, Nohoch Mul, Chumuc Mul, Macanxoc e Uxul-Benuc.

## KOHONLICH E CHICHÉN-ITZÁ

Kohonlich é um importante centro cerimonial maia que esteve ocupado entre os anos 300 e 1200 d.C. É uma zona ainda pouco explorada, mas existem mais de 500 montículos ocultos na selva, ainda à espera de devida atenção dos pesquisadores.

O edifício principal de Kohonlich é o Templo del Sol, que reúne esculturas

de até dois metros de altura que se julga representarem o astro. Abre as suas portas ao público diariamente das 8h às 17h. Chichén-Itzá ficou conhecida como uma valiosa zona arqueológica. Sua fundação data do ano 445 d.C. e foi habitada até 1204. Divide-se em duas grandes partes: Chichén Velho e Chichén Novo. A estrutura mais importante é o Castelo, cujas escadas terminam em duas cabeças de serpente.

A localidade ficou famosa também porque durante os equinócios de março e setembro, as sombras produzidas pelo sol provocam numa das escadas a ilusão de um réptil a descer o templo. O Templo de Los Guerreros, o Observatório, o Templo de Las Mil Columnas, o Tzompantli, o Akab Dzib, e o Templo de Los Jaguares são outros edifícios importantes.

Três grandes poços naturais chamados de cenotes e outros menores fazem parte da paisagem de Chichén-Itzá. Após examiná-los, os primeiros exploradores decidiram se concentrar no da extremidade da cidade, porque era para lá que se dirigia uma estrada calçada que vinha desde a praça central da cidade.

Sua circunferência é de 60 m e a profundidade de 25 m. Em seu interior foram encontrados bastões resinosos que eram, na verdade, incensos de aromas embriagadores. Mais adiante, foram encontrados facas de pedra, pontas de lanças, tijolos de cerâmica e pedra, jóias, adereços e, por fim, ossos humanos — mulheres jovens sacrificadas em oferendas de virgens. Apenas um esqueleto masculino foi encontrado junto aos das mulheres. Provavelmente, era um sacerdote que talvez tivesse sido jogado ou puxado por uma das vítimas.

## UXMAL E TICAL

Um dos edifícios importantes que mais sobressaem na região de Uxmal é a Pirâmide del Adivino. Destacam-se também o Cuadrângulo de Las Monjas, o Palacio del Gobernador e a casa das Tortugas.

O sítio arqueológico de Tical fica na Guatemala. A história da cidade começa no século I. Hoje, possui o mais impressionante conjunto arquitetônico, na verdade um local de cerimônias. No seu centro, havia uma pirâmide maior, que é o templo do Jaguar, um primor de arquitetura, que certamente foi o centro da cidade, a maior dos maias.

Os vestígios arqueológicos demonstram que naquela região existiam vilas agrícolas. As evidências são de que havia palácios, mercados, templos religiosos e habitações muito grandes, porque havia conjunto de edifícios em torno da pirâmide.



## OS RITOS RELIGIOSOS MAIAS

Então, com o site: [CulturaDoBrasil.com](http://CulturaDoBrasil.com) Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

*Os maias eram adeptos do politeísmo, ou seja, tinham vários deuses, todos vinculados à natureza. A sua religião se assemelhava bastante à de outros povos da região. Eles cultuavam principalmente divindades ligadas à caça, à agricultura e aos astros.*

Para eles, o destino de todo homem era regido pelos deuses, por isso, para eles ofereciam alimentos, sacrifícios humanos e de animais. Os habitantes da “Boca do Poço dos Feiticeiros D’Água” – Chichén-Itzá – se empenhavam com o propósito de desvendar o caminho dos astros para chegar ao coração dos deuses. Conhecida por Akhim, a classe sacerdotal maia se dividia em dois grupos. O primeiro velava o culto, o segundo, entregava-se às artes e às ciências; o povo se empregava com a agricultura e com a construção das obras públicas, os escravos eram os prisioneiros de guerra ou infratores do direito comum até pagar pelo seu crime.

Dentro da hierarquia religiosa, só podiam subir aos templos os sacerdotes, que formavam a classe mais culta. Os maias acreditavam descender de um totem e eram politeístas. A influência dos toltecas introduziu certas práticas cerimoniais sangrentas, pouco antes da decadência dos maias.

## CONHECIMENTOS DE ASTRONOMIA

Como dedicados estudiosos das estrelas e dos planetas que eram, os maias usavam seus conhecimentos de astronomia para guiar suas vidas espirituais e estabelecer ciclos de colheita na agricultura, numa peculiar combinação entre



### ■ ASTRONOMIA

*Algumas construções maias eram usadas também como observatórios astronômicos.*

religião e ciência. Assim, orientavam os agricultores sobre como obter a melhor colheita. Uma das obras mais famosas dessa peculiar civilização, o Códice de Paris, escrito no século XIII, contém, com ênfase, horóscopo, profecias e adivinhações. Incapazes de decifrar a linguagem de tais livros na época, os espanhóis do século XVI os consideravam obra de um poder maligno.

## FIGURAS, ESCULTURAS E MÁSCARAS

Em todas as construções deixadas pelos maias podem ser observadas figuras, máscaras e esculturas de todo tamanho, talhadas em jade, pedra e madeira, representando deuses e figuras femininas, pintados nas mais variadas cores. Objetos nesse formato eram típicas representações de sua arte.

O livro mais antigo legado pelos maias tinha a ver com sua religiosidade. Trata-se do Códice Tró-Cortesiano, conservado num museu na Espanha. Trata-se de um volume dividido em duas partes. Na primeira, encontra-se o Códice Troano e foi lido pelo abade de Bourbon. Ele acreditou ter conseguido desvendar a chave dos hieróglifos maias e a história da destruição de Atlântida, sendo que uma parte do povo teria conseguido escapar e formado a civilização maia. O manuscrito foi escrito por volta de século XII ou XIII e tratava de astronomia e astrologia.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

## SACRIFÍCIOS AO DEUS DA CHUVA

A cidade de Chichén-Itzá foi fundada no ano 452. Conheceu dias de glória no século X, quando foram construídos o castelo, o templo dos guerreiros e a quadra de jogo de pelota. Na aridez da região, seu florescimento só foi possível graças aos cenotes, poços de água com função também religiosa. Nos tempos em que a agricultura tinha de enfrentar a seca, os maias ofereciam sacrifícios ao deus da chuva, Chaac, no Cenote Sagrado. Conquistada pelos guerreiros de Mayapán no século XII, Chichén-Itzá estava abandonada quando os espanhóis chegaram. Suas grandes obras ainda mantêm o vigor da cultura maia.

Entre as principais cerimônias religiosas maias estava aquela representada por uma espécie de jogo de futebol. Os jogadores eram prisioneiros de guerra e representavam os astros; e a bola, o sol, fonte da vida. Ao final daquele ritual, todos os atletas perdedores eram punidos pelos sacerdotes com a morte.

## ADORADORES DA NATUREZA

O povo maia adorava a natureza. De modo particular, os animais, as plantas e as pedras. Tinham também a característica de cuidar de seus mortos,

colocando-os em urnas de cerâmica. Os sacerdotes maias possuíam diversos livros escritos em finas folhas de madeira cobertas com gesso. Quando os maias foram encontrados por colonizadores espanhóis, um dos aspectos que ajudou a extinção daquela civilização foi o fato de viverem em lutas constantes. Assim, resistiram bravamente à chegada dos estranhos europeus.

## LIVROS MAIAS

No processo de exploração e conquista do continente americano, os padres espanhóis descobriram que os índios possuíam livros e resolveram destruí-los para evitar a divulgação de sua cultura. O bispo de Yucatan, D. Diego de Landa, ordenou a apreensão e a queima de centenas de volumes de livros, chamando isso de um auto de fé, num dos maiores crimes contra a memória da história humana. Além disso, Landa determinou que a utilização daquela “escrita demoníaca” por qualquer pessoa seria punida com a morte de forma irremediável. Esse mesmo bispo, quando retornou à Espanha, escreveu um relatório intitulado *Relación de las Cosas de Yucatán*, datado de 1566, para justificar sua ação repressiva. Informou que os livros continham descrições de cerimônias diabólicas e sacrifícios humanos. O extenso e importante relatório do bispo ficou esquecido até o ano de 1863, quando foi descoberto pelo sacerdote Charles Etienne Brassuer, um pesquisador interessado nas culturas pré-colombianas. O documento permitiu saber o sistema utilizado pelos maias para a elaboração do calendário e seus numerais.

Salvaram-se apenas quatro livros maias da destruição promovida pelos religiosos espanhóis. Três são conhecidos há muito tempo. Um quarto apareceu após a Segunda Guerra Mundial. Esses volumes tratavam de idolatrias que envolviam sacrifícios, entre outras práticas similares.

## PILARES DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

Os maias ergueram uma civilização consolidada sobre os pilares da ciência e da religião. Segundo eles, a sombra de Kukulkán, o deus-serpente, passeia por Chichén-Itzá durante os equinócios de primavera e de outono, quando noite e dia têm a mesma duração. Seu ponto de partida é a principal escadaria do Castelo, uma grande pirâmide erguida em sua honra com base em conhecimentos astronômicos: os degraus das quatro escadarias e da plataforma superior somam 365, número de dias do ano.

E não é só isso. Cada um dos lados alinha-se com um dos pontos cardeais e os 52 painéis esculpidos em suas paredes são uma referência aos 52 anos do

ciclo de destruição e reconstrução do mundo, segundo a tradição maia.

Do mesmo modo que civilizações importantes como a egípcia, entre os maias a religião dominava toda a sua vida, como também a organização política e econômica. Apenas os sacerdotes e os nobres viviam na cidade e tinham a propriedade da terra; os camponeses possuíam apenas o produto de seu trabalho.

Dentro da hierarquia desse povo, o solo era demarcado a partir do centro e distribuído entre os chefes de família para ser cultivado. A supremacia da classe sacerdotal e sua importância no planejamento da agricultura assemelham-se ao papel desempenhado por essa mesma classe no Egito antigo.

Assim como no Egito, os sacerdotes maias eram os conhecedores da escrita, matemática, astronomia, calendário e, assim, os únicos capazes de determinar as épocas propícias para o preparo do campo, a semeadura e a colheita. A classe sacerdotal maia se dividia em dois grupos poderosos e com autoridade. O primeiro era encarregado de promover o culto, o outro se empenhava na criação das artes e das ciências.



## ■ SÍMBOLOS

*As esculturas maias se expressavam na forma simbólica de seus deuses.*



## O CALENDÁRIO E A ESCRITA

*Nos primeiros tempos em que foram desenvolvidas de forma séria pesquisas sobre as origens e o funcionamento da civilização maia, acreditou-se que sua sociedade, por ser tão parecida com a egípcia, era descendente de uma mesma civilização, a Atlântida.*

**G**erou-se, então, um conflito porque os arqueólogos tradicionalistas não aceitaram posições que admitam a existência de Atlântida. Os povos maias entendiam o tempo da mesma forma que o conceito de “Noosfera”, do francês Teilhard de Chardin e do “Num” dos egípcios – espécie de oceano cósmico de onde tudo flui e de onde plasmam todas as formas vivas. Compreenderam o tempo mais do que qualquer outra cultura, percebendo que ele é a quarta dimensão, assim como afirmou Einstein.

## O TEMPO EM SÉRIES DE CICLOS

Para os astrônomos e físicos maias, o tempo não era uma medida linear, com presente, passado e futuro. Era, sim, uma série de ciclos que se repetem, tal como afirmava Pitágoras, no século V a.C. E concebiam a Terra como um ser vivo orgânico, antecipando o pensamento dos ecologistas de nosso século.

Assim, os maias se destacaram por criarem um complexo calendário, que determina com precisão o ano solar (365 dias), um ano bissexto (366) e um ano sagrado ou venusiano (260 dias). Era superior ao de todos os povos da Antiguidade.

A concepção dessa ideia foi possível graças aos avançados conhecimentos que possuíam sobre astronomia – eclipses solares e movimentos dos planetas – e da matemática, que lhes permitiram criar um calendário cíclico de notável precisão. Na realidade, são dois calendários sobrepostos: o tzolkin, de 260 dias, e o haab, de 365. O haab era dividido em dezoito meses de vinte dias, mais cinco dias livres. Para datar os acontecimentos, os maias utilizavam o que chamavam de “conta curta”, de 256 anos. Ou, então, a “conta longa”, que principiava no início da era maia. Desse modo, determinaram com exatidão incrível o ano lunar, a trajetória de Vênus e o ano solar (365 dias, 5 horas, 48 minutos e 45 segundos). Os maias inventaram um sistema de numeração com base 20 e tinham noção do número zero, ao qual atribuíram um símbolo. Os maias utilizavam uma escrita hieroglífica que ainda não foi totalmente decifrada.

## O CONHECIMENTO E O USO DA MATEMÁTICA

Um detalhe importante é que a matemática do calendário maia revela a matemática Universal da Quarta Dimensão. Os maias souberam interpretar os ciclos corretos do tempo, da natureza e do cosmos, reconheciam e celebravam pontos de poder no tempo, e, para isso, observavam o céu e consultavam as efemérides, o livro dos dias ou das mudanças, como era designado pelos gregos, onde se registrava o movimento dos planetas. Além de estudar o posicionamento dos astros, eles perceberam mudanças energéticas, que ocorriam em períodos específicos durante o ano; mudanças estas que não se limitavam apenas à alteração da luz e do calor, mas que aconteciam a níveis bem mais sutis.

Assim, os astrônomos maias demarcaram as quatro estações do ano, e nesses períodos aproveitavam para fazer mudanças sazonais adequadas a cada uma delas, reunindo-se em celebrações que chamavam festivais, os célebres festivais do fogo da Antiguidade.

Eles reconheceram também o ciclo das quatro estações da Lua, que, além de orientá-los para a plantação e colheita, os ordenava em ritmos internos. Além de ser harmonioso e regular, o Calendário Maia, ou Calendário das 13 Luas, passou a ser usado depois como forma de unificar a humanidade debaixo de um padrão solar genuíno de medida de tempo integrando o ciclo biológico feminino com o ciclo lunar de 28 dias.

## ADOÇÃO DO CALENDÁRIO MAIA

A adoção do Calendário Maia nos últimos anos do século XX chegou a obter um número expressivo de adeptos. A iniciativa faz parte de um importante plano de Paz para o planeta, desenvolvido por José Argüelles (1939-2011) e sua esposa, chamado Pax Cultural - Pax Biosférica, que, segundo o casal Argüelles, levará cinco anos para ser implementado.

Os adeptos do Movimento Mundial de Paz e da Mudança para o Calendário de 13 Luas enviaram a sua proposta aos governantes das mais importantes nações, inclusive a deputados, senadores, ao presidente do Brasil, e também à ONU e ao Vaticano. Nesse momento, os aderentes somam mais de 300 mil em todo o mundo. Quando forem cerca de dois milhões, espera-se ter atingido uma massa crítica necessária para “empurrar” os outros. O resto da população entraria em sintonia pelo processo da ressonância.

## O RENASCIMENTO

O pós-clássico da civilização maia, que vai do século X à conquista espanhola, foi marcado um por certo Renascimento, devido aos toltecas, vindos de Tula. Quando eles chegaram para dominar a civilização maia, por volta do século X, supõe-se que algumas grandes cidades de Yucatan existissem ainda.

Com o passar dos séculos, a associação das duas tradições originou um novo estilo artístico “maia-tolteca”, caracterizado por uma arquitetura mais

ampla e arejada – colunatas, grandes jogos e pelo amálgama dos panteões e dos motivos decorativos – Chaac, o deus maia da chuva, representado alternadamente como Quetzalcoatl, a serpente emplumada, transformada em Kukulcán. Chichén-Itzá foi logo substituída por Mayapán, cercada por uma muralha defensiva. Daí em diante, a influência mexicana dominou uma produção artística em franca decadência.

## O CONHECIMENTO DE CULTURAS ARCAICAS

A civilização dos maias, sem dúvida, baseou-se muito nos conhecimentos das culturas arcaicas, anteriores mesmo ao século X a.C. Mas foi a decifração dos ideogramas da escrita maia que permitiu reconstituir parcialmente a história desse povo magnífico.

Os cientistas, estudiosos da civilização maia, comprovaram que os antigos fizeram muitas observações do Sol, durante sua passagem pelo zênite, na praça cerimonial de Copán. Essa descoberta reafirma que os maias foram grandes astrônomos e que viveram seu período de esplendor entre os anos 250 a 900 d.C. Os maias descobriram que, durante os solstícios e os equinócios, a posição do Sol gera alinhamentos especiais entre os vários monumentos, altares e outras estruturas da principal praça do sítio arqueológico maia de Copán.

Hoje, o vale de Copán, como outros sítios arqueológicos, é declarado Patrimônio da Humanidade, resguardando o centro dos cerimoniais da civilização maia, que floresceu na América Central no primeiro milênio da Era Cristã.

## ESCRITA HIEROGLÍFICA

A escrita hieroglífica maia não foi inteiramente decifrada, por isso, muitos segredos dessa civilização não puderam ser revelados. Depois do auto de fé dos conquistadores, apenas três manuscritos subsistem. O primeiro refere-se a rituais religiosos; o segundo à adivinhação; e o último à astronomia, que, sem usar nenhum instrumento óptico, era de uma precisão espantosa. Em seu apogeu, essa civilização — que ignorava a roda e o animal de tração, e só conhecia instrumentos de madeira e de pedra — foi, por razões obscuras, brutalmente interrompida por volta do século IX, na zona central, que contudo não foi totalmente abandonada.



Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

## ARTE MAIA

*Sabe-se hoje que a civilização maia se destacou sobretudo pelo seu desenvolvimento intelectual, tanto que seu sistema de escrito hieróglifo era tão complexo que ainda há sinais não decifrados.*

**E**sse povo deve ter conhecido astronomia mais que muitos outros da Antiguidade, já que conheciam os movimentos do Sol, da Lua, de Vênus e outros planetas, pois as ruínas encontradas de alguns observatórios, como Uaxactum e o de Chichén-Itza, são provas evidentes de seu progresso na prática dessa ciência. Foram ainda os primeiros a usar o algarismo “zero” na numeração.

### A EXPLORAÇÃO DA CULTURA

Embora fosse conhecida dos espanhóis desde o século XVI, a cultura maia só começou a ser explorada durante a primeira metade do século XIX, pelo americano John Stephens e pelo desenhista inglês Frederik Catherwood. Eles descobriram várias cidades, sendo Chichén-Itzá a que mais chamou a atenção.

Stephens e Catherwood publicaram o resultado das pesquisas que fizeram e foi através dessas obras que o mundo ficou sabendo que os maias não eram simples índios, mas possuidores de uma complexa organização, construíram magníficas cidades de pedra e desenvolveram uma escrita própria. Essa escrita foi encontrada nos diversos edifícios construídos.

A arte maia se expressa sobretudo, na arquitetura e na escultura. Suas monumentais construções — como a torre de Palenque, o observatório astronômico de El Caracol ou os palácios e pirâmides de Chichén-Itzá, Palenque, Copán e Quiriguá — eram adornadas com elegantes esculturas, estuques e relevos. Podemos contemplar sua pintura nos grandes murais coloridos dos palácios.

### **CORES E MOTIVOS RELIGIOSOS OU HISTÓRICOS**

Em suas obras, os maias utilizavam várias cores. As cenas criadas por eles tinham motivos religiosos ou históricos. Destacam-se os afrescos de Bonampak e Chichén-Itzá. Também realizavam representações teatrais em que participavam homens e mulheres com máscaras, representando animais.

O povo maia tem origem incerta, mas há quem acredite que antigas escrituras podem ligá-la ao platônico povo de Atlântida, o mítico continente perdido. A sucessão de descobertas arqueológicas, a partir do século passado, indica o desenvolvimento de uma das mais notáveis civilizações do Novo Mundo.

# PARTE III CIVILIZAÇÃO ASTECA



A CIVILIZAÇÃO ASTECA DOMINOU BOA PARTE DO QUE HOJE CONHECEMOS COMO MÉXICO.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

ISSO ACONTECEU ATÉ O SÉCULO XV/QUANDO  
OS CONQUISTADORES ESPANHÓIS AVANÇARAM  
NA DIREÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO NOVO  
CONTINENTE.

**C**ristóvão Colombo quando descobriu a América, em 1492, o continente era habitado há muito tempo por várias civilizações e povos, chamados de pré-colombianos, que apresentavam diferentes estágios de desenvolvimento cultural e material. Dentre eles, destacaram-se três: os maias e os astecas, no México, e na América Central, além dos incas na Cordilheira dos Andes, na América do Sul. Esses povos alcançaram notáveis conhecimentos de astronomia e matemática, além de dominar técnicas complexas de construção, metalurgia e cerâmica. Embora não conhecessem a roda e o cavalo, desenvolveram técnicas eficientes de agricultura. Enquanto o fim da cultura maia permanece um mistério, sabemos que os astecas e incas decaíram no processo implacável de conquista espanhola. Confira a seguir a complexa e intrigante história dos astecas, umas das mais fascinantes civilizações da Antiguidade.



Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

## OS ASTECAS UMA HISTÓRIA COMPLEXA

*A civilização asteca dominou boa parte do que hoje conhecemos como México até que os conquistadores espanhóis, em nome do reino da Espanha, avançaram na direção dos povos indígenas do novo continente, no século XV. O império asteca foi destruído entre 1519 e 1521, quando então estava sob o reinado de Montezuma II, pelo líder espanhol Hernán Cortés, seus soldados e os aliados mexicanos.*

**A**o ser dizimado pelos espanhóis, o povo asteca – também conhecido como “mexicas” – deixava para trás uma história rica e complexa, cultural e materialmente, de domínio no centro e no sul do México entre os séculos XIV e o século XVI. Trata-se de uma história que continua a impressionar quase 500 anos depois, devido especialmente ao vasto império

altamente organizado que se instalou e que intriga até hoje pela sofisticação que aquele povo conseguiu alcançar.

Historiadores latino-americanos apontam diversas versões que atribuem o nome asteca ao de um lugar mítico situado possivelmente ao norte do México atual. Esse lugar era chamado Aztlán. Já as origens da civilização asteca remontam aos séculos X e XI, quando povos primitivos começaram a se concentrar na região central do México, ao redor do lago Texcoco.

### REGIÃO PANTANOSA

Os astecas se estabeleceram na zona mais pantanosa, situada do lado oeste do lago Texcoco. Estavam rodeados de inimigos poderosos, que exigiam deles pesados tributos. A única terra seca que ocupavam eram ilhotes do lago. Ou seja, essa é uma história que começou em meio à adversidade e foi com engenho, talento e força que aquele povo se impôs sobre os demais.

Mesmo numa região tão inóspita, os astecas foram capazes de consolidar um império poderoso em apenas dois séculos. Muitos atribuem a sua força à crença em uma lenda segundo a qual uma grande civilização nasceria em uma zona pantanosa, onde teria sido avistado um cactus sobre uma rocha e sobre a qual uma águia devorava uma serpente.

Sacerdotes antigos haviam feito a previsão assim que chegaram à região em que começou a ser edificada aquela civilização. Como reflexo da continuidade da tradição, esse é até o símbolo oficial do México, estampado em lugares como cédulas e moedas.

Da lenda mitológica até o florescimento da civilização asteca, muito se avançou em relação à sua organização social, cultural e política. Como, por exemplo, o fato de os astecas terem estabelecido organizações civis e militares bastante superiores.

Um dos marcos de sua história aconteceu no decorrer do ano de 1325 d.C., quando os astecas fundaram a cidade de Tenochtitlán, exatamente onde se encontra hoje a Cidade do México, capital do país. Com engenho e perseverança, os astecas transformaram o leito do lago, que era pouco profundo, em jardins muito férteis. Construíram pontes para conectar a sua principal cidade com terra firme.

Também ergueram aquedutos e escavaram canais para o transporte de mercadorias e pessoas. E construíram templos religiosos – pirâmides gigantes que dominavam a vasta paisagem.

## LOCALIZAÇÃO

A cidade floresceu como resultado de sua localização e do alto grau de organização. Para se ter ideia, na época em que os espanhóis, capitaneados por Hernán Cortés, começaram a conquista da região, o grande mercado de Tlatelolco atraía aproximadamente 60 mil pessoas diariamente.

As mercadorias chegavam em mãos astecas graças aos acordos sobre tributos estabelecidos com os territórios conquistados. Muitas dessas mercadorias eram exportadas para outras zonas do império asteca e à América Central.

Em 1428, formaram uma federação dos reinos de Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopán, dominada por um soberano asteca que ocupou gradualmente as regiões vizinhas submetendo, até o início do século XVI, quase todo o México central. Extremamente próspero e altamente hierarquizado, esse Estado se tornou uma monarquia aristocrática dominada pela religião.

O México atual não corresponde exatamente ao que foi o império asteca, pois o país de hoje é muito maior do que o império asteca jamais foi. A península de Yucatán, por exemplo, nunca foi dominada por esse povo pré-colombiano. A península da Califórnia, também não. No núcleo do México, na época asteca, existiam também áreas livres, como era o caso de Tlaxcala. Durante o seu domínio, os astecas se fortaleceram ao estabelecer alianças militares com outros grupos, assim, eles construíram um império que se estendia da região do México Central até a atual fronteira com a Guatemala.

## PODER TOTAL

No princípio do século XV, os astecas governavam as cidades-estados de Texcoco e Tlacopán. Em um período de cem anos, eles alcançaram o poder total e, embora as demais cidades-Estado continuassem a se chamar de reinos, a denominação, na verdade, era puramente simbólica.

Ao final do reinado de Montezuma II, os astecas já haviam se estabelecido em nada menos que 38 províncias tributárias no império. Alguns povos da periferia lutaram durante muito tempo com o propósito de manter sua independência.

Essas divisões e conflitos internos no seio do império facilitaram sua derrota frente a Cortés, já que muitos povos, inimigos dos astecas, se aliaram aos conquistadores espanhóis na tentativa de vencer os eternos senhores. Além dos problemas internos que contribuíram para a sua queda, há diversas versões segundo as quais o imperador Montezuma teria agido com certa ingenuidade ao receber amigavelmente o implacável conquistador Cortés.

## INIMIGO

Montezuma instalou o chefe inimigo junto a suas capitais nos melhores palácios do império. Existe a versão de que Montezuma teria se confundido, pois havia a lenda do regresso do deus Quetzalcóatl, e, ao surgir Cortés, ele imaginou que pudesse ser ele, conforme as previsões dos antigos sábios.

Alguns achados arqueológicos têm ajudado muito os pesquisadores a aprenderem mais sobre a história da região. É o caso dos crânios de cristal, de estrelas encontradas com inscrições hieroglíficas, calendários e tudo o que resistiu à ação do tempo, dos saques espanhóis e às fogueiras dos missionários.

## TESOUROS E RUÍNAS

Historiadores acreditam que na própria Cidade do México, que foi edificada sobre as ruínas de Tenochtitlán, existam diversos tesouros soterrados dos povos pré-colombianos. Uma possibilidade, aliás, que não é impossível de acontecer. Durante uma simples escavação para a realização de uma obra no centro velho da cidade, por exemplo, foram encontradas por operários várias peças preciosas, totalmente desconhecidas, como o calendário religioso asteca.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)



## ■ RUÍNAS

*Imagem mostra as ruínas de uma antiga cidade asteca.*



## A SOCIEDADE ASTECA

*Entre os astecas, a célula da sociedade era o clã, formado por pessoas de uma mesma linhagem e governado por um ancião.*

Os astecas possuíam divindades particulares, formação militar e a terra era considerada como domínio estatal do qual os indivíduos tinham usufruto, devendo pagar tributos e prestar serviços à nobreza e ao soberano.

A autoridade política, militar e religiosa centralizava-se nas mãos de um chefe supremo, sempre escolhido de uma mesma linhagem. A centralização era marcada por uma rede de estradas muito bem desenvolvida.

No auge da sociedade asteca, pelo decorrer de muitos anos, cresceu consideravelmente a divisão entre nobreza e o povo, formando-se grupos sociais novos e privilegiados, como os funcionários públicos, os artesãos e os comerciantes. Abaixo deles estavam os chamados cidadãos livres, mas submetidos à cobrança de tributos. Os grupos de homens sem terras, que trabalhavam para

um senhor, vinham a seguir na hierarquia social. E, abaixo de todos, estavam os escravos.

## O SOBERANO E O ESCRAVO

No topo dessa estrutura social e econômica estava o soberano, assistido por um primeiro-ministro — que era, ao mesmo tempo, juiz supremo e comandante do exército — e por quatro conselheiros eleitos com o soberano.

Ao contrário de outras civilizações, a nobreza asteca não era uma casta inteiramente fechada, sendo possível a elevação aos seus quadros por indivíduos que se distinguissem em façanhas guerreiras.

O estado de escravo entre os astecas era similar ao de um criado contratado, embora os filhos dos pobres pudessem ser vendidos como escravos, isso só podia acontecer por um período determinado. Os escravos podiam comprar sua liberdade e, de modo bastante curioso, todos aqueles que conseguiam escapar de seus senhores e chegar até ao palácio real obtinham a liberdade imediatamente.

Aos plebeus era dada a propriedade vitalícia de um terreno em que construíam sua casa. Porém às classes mais baixas dos plebeus não era permitido ter propriedades. Esses eram camponeses em terras arrendadas. A nobreza consistia em nobres de nascimento, pelos sacerdotes e pelos que haviam ganhado o direito a se tornar um deles — especialmente os guerreiros.

## OS GUERREIROS E GRUPOS SOCIAIS INTERMEDIÁRIOS

O imperador possuía poder ilimitado, que abarcava todas as pessoas e todas as coisas. Junto a ele, os guerreiros e sacerdotes formavam o grupo social de maior poder. Os guerreiros eram o principal apoio do imperador, o que permitiu a criação de um império muito poderoso, porém asilado politicamente. Na civilização asteca, também existiam grupos sociais intermediários. Havia os comerciantes enriquecidos da capital que conseguiam ascender socialmente trocando suas riquezas por prestígio nas festas que organizam e oferecendo algum de seus escravos como vítima de um sacrifício ritual — coisa pouco frequente, porque custava muito.

## EDUCAÇÃO

No império asteca, a educação era obrigatória. As meninas eram educadas por suas mães em casa para realizar as tarefas do lar. Somente as filhas da nobreza podiam frequentar uma espécie de monastério, onde viviam até

o momento do matrimônio. Para os meninos, havia dois tipos de escolas: *telpochcalli* e *calmecac*. Na primeira, estudava-se na escola, mas ia-se dormir em casa. O segundo modelo funcionava como internato, praticamente reservado aos nobres. A essência da religião era muito importante, mas também se aprendia escrita, leitura, história e música.

## HÁBITOS ALIMENTARES

Para entender a vida de um povo, um dos aspectos mais interessantes de estudar é a sua alimentação. Dentre as mais famosas iguarias da cozinha asteca estavam o milho, o feijão, o tomate, os perus, os cachorros, os coelhos e o chocolate. Nenhum desses alimentos era conhecido dos europeus antes da conquista do império asteca.

A maioria de tais alimentos era diferente do que é hoje. É o caso do milho, que, ao contrário do formato atual, ou seja, grandes espigas de sementes duras, era menor, com espigas moles, sendo, depois de cozido, comido com o sabugo e tudo. O cereal só se modificou com o desenvolvimento do hibridismo, o que aumentou suas propriedades nutritivas e também seu tamanho.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

### CHOCOLATE AMARGO E CÃES

O chocolate também era diferente do atual. Além de não ser ao leite (uma vez que os astecas não tinham vacas) e, por esse motivo, era amargo e bem preto, ele também não era sólido, mas sim um líquido grosso, que se bebia quente depois das refeições, especialmente no inverno. A utilização dos cachorros pelos astecas não era a mesma que a europeia, pois enquanto os europeus, desde os mais remotos tempos, utilizavam os cachorros como companhia, caçadores e guardas, os astecas utilizavam-nos como rebanho. A maioria era morta ainda filhote, para ser degustada.

Os cachorros eram o prato preferido dos astecas. Quando chegaram a *Tenochtitlán*, devido aos maus momentos que passaram, incluindo privações das maiores possíveis, os astecas foram obrigados a adotar uma dieta à base de peixes do lago *Texcoco*, aves do mesmo lago e pequenos animais como sapos, rãs e mesmo insetos de todos os tipos, desde moscas até mosquitos.

A pimenta era conhecida, assim como o tomate, e ambos eram usados como tempero. Os perus eram apreciados em todos os sentidos, pois sua carne era comida e suas penas utilizadas como plumas para os que tivessem autorização de ostentá-las. Os astecas se alimentavam também de carne e ovos, além de frutas diversas.

A maioria desses pratos não estava ao alcance de boa parte da população asteca. Isso se explica porque eram muito caros, então, só eram consumidos pela aristocracia. O cidadão comum tinha sua alimentação baseada em bolos de milho e feijão, muitas vezes temperados com pimenta e tomate, sendo que raras vezes consumiam carne ou outro tipo de alimento.

## CRIAÇÕES

Entre os astecas, a criação de animais (cães e perus) era restrita, e o comércio era muito desenvolvido, fundado sobre a troca de produtos manufaturados na capital e matérias-primas produzidas nas províncias.

## LEIS SEVERAS

As leis astecas eram muito severas. Como em outras culturas antigas, os castigos eram diferentes, segundo fosse o delito de quem o cometia. Geralmente, o castigo era mais duro se quem cometia o delito fosse um funcionário ou um nobre importante.

Existia a pena de morte para os delitos de assassinato, traição, aborto, incesto, violação, roubo com fratura e adultério. No último caso, se procedia a lapidação, embora a mulher fosse estrangulada previamente. Os guerreiros podiam escapar da pena de morte aceitando um destino permanente na zona fronteira.

A embriaguez era considerada delito. Só era permitida em algumas circunstâncias especiais, para os anciãos ou guerreiros profissionais. O castigo podia ser a morte. No entanto, se fosse a primeira vez que alguém cometia essa falta, tinha sua cabeça raspada.

As leis regiam até mesmo a vida sexual do povo asteca. Só eram permitidas duas formas de relações sexuais – as que ocorriam dentro do casamento, e as que os guerreiros solteiros tinham com sacerdotisas dedicadas à prostituição ritual. Estas últimas estavam protegidas pela deusa Xochiquétzal, apresentavam-se adornadas e maquiadas, e proporcionavam ao homem alucinógenos e afrodisíacos que estimulavam seu apetite sexual. Sempre mantinham esse tipo de relação antes que os guerreiros partissem para a batalha. O adultério era duramente castigado.

## AGRONOMIA

A agronomia era fundamental na economia asteca. Agricultores hábeis, os astecas conheciam o alqueive — isto é, a prática de deixar terras agrícolas em repouso. Os astecas cultivavam jardins suspensos e procediam a divisão periódica das terras. Suas principais culturas eram o milho, feijão, melões, baunilha, pimentas, abóboras, entre outros.



## ■ OFERENDAS

Figuras que representam oferendas aos deuses, incluindo sacrifícios humanos.



## A RELIGIÃO ASTECA

Entre em nosso canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](#)

*Na religião asteca, vários deuses regiam a vida diária, entre eles estava Huitzilopochtli, considerado a divindade do Sol, e Coyolxahuqui, a deusa da Lua que, segundo a mitologia asteca, era assassinada pelo irmão, o Deus-Sol.*

Existiam Coatlicue, a deusa da terra, e Huitzilopochtli, o deus da guerra. Outro deus era Ipalnemoani, a força suprema. Existiam ainda Tláloc, a divindade da chuva, e Quetzalcóatl, inventor da escrita e do calendário, associado com o planeta Vênus e sua ressurreição.

### SACRIFÍCIOS E DEUSES

Os sacrifícios praticados pelos astecas, tanto humanos quanto de animais, eram parte integrante de sua religião. Para os guerreiros, a honra máxima consistia em cair na batalha e se oferecer como voluntário para o sacrifício em cerimônias importantes.

De acordo com sua tradição, as mulheres que morriam no parto compartilhavam a honra dos guerreiros. Também se realizavam guerras com o fim de

fazer prisioneiros para o sacrifício. O sentido da oferenda de sangue humano – e, em menor medida, de animais – era alimentar as divindades para assegurar a continuidade de sua aparição todos os dias e com ela a permanência da vida humana, animal e vegetal sobre a terra. Cada aspecto da vida sexual dos astecas estava associado a um deus diferente. Assim, Xochipilli era o deus das flores, do amor, da fertilidade e das relações sexuais ilícitas.

Assim também era sua esposa, Xochiquétzal, quem, além disso, era também protetora da prostituição. Tinha-se também Tlazoltéotl, deusa do prazer, da voluptuosidade, da fecundidade e da fertilidade. Protegia as parturientes, as parteiras, aos feiticeiros relacionados com o mundo amoroso e aos homens de intensa atividade sexual.

Cada fenômeno atmosférico também era associado a um Deus — havia Tláloc, das chuvas; Quetzalcóatl Ehecatl, dos ventos. Segundo os astecas, só se vivia uma vez, e a vida está cheia tanto de sofrimento quanto de alegria e a única maneira de perdurar após a morte era alcançar a fama, ainda que essa mesma fama desapareça quando morrem os que recordam o defunto.

## TRADIÇÕES

Na América pré-colombiana, muitos povos cultuavam tradições relativas ao fim da humanidade. Tradições essas, aliás, que, no passado, estavam sempre presentes no cotidiano humano. Foi assim com os persas, que temiam o fim do mundo nas garras de Arimã; com os cristãos, que temiam (e alguns ainda temem) a chegada do anticristo e o chamado apocalipse, com os vikings, que temiam que seus deuses morressem numa guerra celestial e foi assim com muitos outros povos ao longo dos tempos.

Os astecas viviam com o tormento do fim do mundo; ou, como eles chamavam, do fim do Sol sobre suas cabeças. Para eles, a humanidade atual seria a quinta, tendo, portanto, sido precedida por outras quatro.

A cada ciclo de 52 anos, segundo a mitologia mexicana, o mundo corria sério risco de extinção, pois isso já havia ocorrido outras vezes no passado. Na realidade, o primeiro Sol, chamado nauí-ocelotl (quatro-jaguar), teria sido destruído pelos jaguares. Isso mesmo, os grandes felinos mexicanos teriam descido das montanhas e devorado a humanidade.

## VENTO

O segundo Sol, chamado nau-ecatl (quatro-vento), teria sido destruído por Quetzalcóatl, o deus do vento, que teria soprado sobre o mundo um vento mágico que transformou a humanidade em macacos. O terceiro Sol, chamado nau-quiauitl (quatro-chuva), teria sido destruído por tláloc, o deus da chuva, da água, do raio (de tudo relacionado à água, inclusive doenças), teria criado um imenso dilúvio que teria submergido o mundo em águas destruindo toda a humanidade.

## O DILÚVIO

Do gigantesco dilúvio, que durou 52 anos, sobreviveram apenas um homem e uma mulher. No entanto, a humanidade não descende deles, pois, por



### ■ FIGURAS

Representação simbólica de astecas: líderes, guerreiros, feiticeiros e pessoas comuns.

terem sobrevivido, contrariando o desejo dos deuses, Tezcatlipoca os teria transformado em cães. O nosso mundo, ou nosso Sol, denominado nau-ollin (quatro-terremoto) teria sido recriado pela bondade de Quetzalcóatl, que resgatou do inferno (reino do deus Mictlantecuhctli) os ossos dos mortos e, regando-os com seu próprio sangue, restaurou-lhes a vida para reinar entre eles. Porém, Tezcatlipoca expulsou-o para Tlillan Tlapallan, de onde prometeu voltar para resgatar seu trono.

## CERIMÔNIA DE SACRIFÍCIO HUMANO

Para impedir nosso mundo de ser destruído, coisa que os astecas acreditavam que pudesse acontecer a cada 52 anos, eles faziam uma cerimônia especial chamada de Fogo Novo: em todas as casas, apagava-se o fogo e se quebrava toda a louça. Enquanto isso, os sacerdotes escolhiam um prisioneiro para ser sacrificado e o conduziam até o topo do monte Uixachtecatl.

Lá, o prisioneiro era sacrificado, tendo seu peito aberto por uma faca de sílex. Depois, um dos sacerdotes pressionava uma tocha acesa contra o peito aberto do indivíduo (às vezes ainda vivo) quando o fogo da tocha se apagava, era considerado aceso o Fogo Novo.

Para festejar, cada família reacendia seu fogo e comprava louças novas, enquanto que o Tlatoani realizava alguma obra (geralmente a ampliação do Grande Templo) como forma de expressar sua gratidão aos deuses por mais 52 anos de existência.

Foi possível mapear que, no total, foram realizadas sete cerimônias do Fogo Novo — precisamente nos anos de 1195, 1247, 1299, 1351, 1403, 1455 e 1507. A primeira delas aconteceu enquanto os astecas ainda estavam em marcha para o México. A oitava cerimônia, que estava prevista para ser feita no ano de 1559, não se realizou porque o império asteca já havia sido completamente conquistado pelos espanhóis.

## O CONHECIMENTO DE ANATOMIA

Os sacrifícios humanos religiosos, que incluíam a extração do coração e o desmembramento do corpo, favoreciam um bom conhecimento da anatomia. Por esse motivo, os astecas sabiam curar fraturas, mordidas de serpentes. Possivelmente, houve uma categoria profissional semelhante à dos dentistas, encarregada de cuidar dos dentes.



## A CULTURA ASTECA

*Os astecas falavam um idioma chamado náhuatl e sua escrita mesclava sinais como pictogramas, ideogramas e signos fonéticos. Em seus escritos estavam refletidos sua história, geografia, economia e religião.*

**A**lguns códigos se mantiveram até os dias atuais. Utilizavam a escrita pictográfica gravada em papel ou pele de animais. Até hoje se conservam alguns desses escritos, chamados códices. Também utilizavam um sistema de calendário que havia sido desenvolvido pelos antigos maias.

### OS DIAS NULOS

Os anos astecas possuíam 365 dias, divididos em 18 meses de 20 dias, aos que se somavam cinco dias nulos que eles acreditavam atrair má sorte. Usavam igualmente 260 dias – 20 meses de 13 dias – que aplicavam exclusivamente para adivinhações. A educação era muito restrita e se impunha desde os primeiros anos. Às mulheres era exigido que fossem discretas e recatadas em seus modos e roupas e no vestir e se ensinavam todas as modalidades dos afazeres domésticos que, além de moer e preparar os alimentos, consistia em desencaroçar o algodão, tecer e confeccionar a roupa da família.

## VOCAÇÃO GUERREIRA

Aos homens astecas se inculcava a vocação guerreira. Desde pequenos se formava para que fossem fortes, de modo que os banhavam com água fria, os abrigavam com roupa leve e dormiam no solo. À maneira dos antigos gregos, procurava-se fortalecer o caráter dos meninos por meio de castigos severos e do fomento dos valores primordiais, como amor e verdade, justiça e dever, respeito aos pais e aos anciãos, recusa à mentira e à libertinagem, misericórdia com os pobres e os desvalidos.

## CIÊNCIAS

Os jovens aprendiam música, balés e cantos, além de religião, história, matemáticas, interpretação dos códigos, artes marciais, escrita, conhecimento do calendário, entre outras disciplinas.

Os poemas astecas podiam ser recitados ou cantados no ritmo de tambores e trombetas. Algumas vezes incluíam palavras que não tinham nenhum significado e que somente serviam para marcar o ritmo. Frequentemente, os poetas eram dedicados aos dioses, mas também tratavam de temas como a amizade, a guerra, o amor e a vida. Alguns reis foram poetas famosos, como Nezahualcoyotl, de Texcoco (1402-1472). A astronomia era uma das ciências de mais tradição para os astecas. Graças a suas observações determinaram com precisão as revoluções do Sol, da Lua, de Vênus e, talvez, de Marte. Agruparam as estrelas em constelações — que não coincidem com as nossas. Conheceram a existência dos cometas, a frequência dos eclipses do sol e da lua, e puderam criar um calendário complexo.

A intensa observação do céu permitiu a eles também desenvolver conhecimentos de meteorologia, e assim prever o tempo frio e estabelecer as características dos ventos dominantes, associando cada fenômeno atmosférico a um deus. A medicina teve também um grande desenvolvimento na civilização asteca. Com seu conhecimento da natureza, seus curandeiros distinguiram propriedades curativas de ação no corpo humano em diversos minerais e plantas. Embora a medicina tenha sido praticada por homens e mulheres, é possível que somente as mulheres pudessem se encarregar de ajudar os partos. A medicina esteve muito ligada à magia, mas o feito de não atribuir a causa cientificamente correta a cada enfermidade não significou que não se aplicasse o remédio conveniente.

## FÍSICA E ARQUITETURA

Graças a seus conhecimentos de física, os artesãos astecas podiam empregar

várias técnicas em seu trabalho, como fundir metais do tipo ouro com prata. Elaboravam todo tipo de figuras, adornos, pulseiras, colares, pendentes. E com frequência, o metal era combinado com pedras preciosas, como turquesa, jade, cristal, ou com conchas.

Na área da arquitetura, os astecas construíram pirâmides escalonadas em Cholula, Xochicalco e Teotihuacán. Os astecas também foram hábeis escultores — realizavam esculturas de todos os tamanhos, diminutas e colossais, e nelas aplicavam temas religiosos ou da natureza. Captavam a essência do que queriam representar e logo realizavam suas obras com todo detalhe.

A maior parte do que sabemos sobre a arquitetura asteca remete a relatos dos conquistadores espanhóis, já que Tenochtitlán foi inteiramente destruída em 1521, no entanto, sabe-se que a técnica de construção asteca era diferente da de Teotihuacán, uma vez que, naquela cidade, os templos eram construídos de uma só vez, enquanto que em Tenochtitlán, os astecas iam ampliando os templos à medida que sua tecnologia permitia.

Assim, a pirâmide de Tenochtitlán havia sido antes apenas um pequeno templo, que após sucessivas ampliações (cinco no total) tornou-se uma grande pirâmide; cada ampliação ocorria de acordo com uma crença religiosa de que o mundo acabaria a cada 52 anos. Os palácios astecas eram semelhantes aos de outras culturas mesoamericanas. Ou seja, constituíam-se grandes estruturas de pedra, divididas em vários cômodos muito grandes dentre os quais se contavam, além de quartos e salas, zoológicos com animais raros e inúmeros jardins, com fontes e até lagos.

## OBRA-PRIMA

Os 20 km<sup>2</sup> da cidade de Teotihuacán são considerados a obra-prima dos astecas, um povo hábil em obras monumentais. No legado dessa civilização singular, destacam-se as Pirâmides do Sol e da Lua. Desde a sua construção, no século II a.C., Teotihuacán esteve envolta em uma aura divina. Situada em um vale cercado de montanhas e sobre uma rede de cavernas subterrâneas, Teotihuacán, ou “lugar dos Deuses”, era considerada o berço do Sol, da Lua e do próprio tempo. Exemplo máximo da interação entre ambiente natural e criação humana, a Pirâmide do Sol foi erguida sobre uma caverna em forma de trevo de quatro folhas, o que lhe imprimiu caráter sagrado, com seus 222 x 225 metros de largura por 63 de altura. Seus construtores ainda projetaram a obra para que a luz do Sol incidisse verticalmente em seu centro em determinados dias. Segun-

do maior edifício do vale, a Pirâmide da Lua possui estilo típico de Teotihuacán: a combinação de planos inclinados e horizontais, talud-tablero, mede 120 x 150 metros de largura e 43 metros de altura.

## O APOGEU ASTECA

O século XIII da era atual marcou o apogeu de Teotihuacán, que abrigou mais de mil pessoas. As largas ruas seguiam um traçado tão rígido que foi preciso desviar o curso de um rio para que não interferisse no paralelismo das vias. Além de templos, edifícios administrativos e prédios residenciais, Teotihuacán contava também com dois locais para reuniões – A Cidade e o Grande Conjunto. Misteriosamente destruída por um incêndio, a cidade influenciou o império séculos mais tarde. Prova disso é que o último imperador asteca, Montezuma II, peregrinava desde a capital do império Tenochtitlán, até as ruínas de Teotihuacán, distante cerca de 50 km.

## OURIVESARIA ASTECA

Nas próprias palavras do conquistador Cortés, “tão natural o ouro e a prata que não há ourives no mundo que melhor fizesse”.

O conquistador estava certo. Na realidade, os astecas foram surpreendidos pelos espanhóis em pleno apogeu da idade do bronze, dominavam com perfeição as técnicas de fundição e forja de diversos metais, no entanto, o ferro ainda não era conhecido. Os astecas também consideravam valiosas as plumas de aves, sendo estas incluídas na ourivesaria. As plumas tinham um valor tão grande dentro da cultura local que serviam mesmo como divisor social, sendo atribuído a cada classe um tipo de pluma e sendo empregadas pesadas punições aos que utilizassem plumas relativas a uma classe hierarquicamente superior à sua.

## ESCULTURA E PINTURA

Nas esculturas de grande tamanho representavam deuses e reis. As de pequeno tamanho se reservavam para a representação de animais e objetos comuns. Usou-se pedra e madeira e, em ocasiões se enriqueciam com pintura de colares ou incrustações de pedras preciosas. Na pintura asteca, o uso da cor era fundamental. Tratava-se de uma cor plana, sem matizes, nem sombras, e possivelmente com conotações simbólicas. Aparece ligada à arquitetura, decorando os edifícios.

## O CIRCO E O ESPORTE ASTECA

Assim como os romanos, os povos astecas também tinham uma espécie de circo em Tenochtitlán, sua grande metrópole. Era nessa arena que praticavam o mais popular esporte mexicano. Inventado pelos maias, ele foi praticado por diversos povos, inclusive pelos astecas, que construíram sua arena em plena praça cerimonial de sua capital. Era um esporte chamado tlachtli, e que é conhecido hoje como “a Bola Maia”.

Consistia num jogo onde dois times se confrontavam num campo em forma de “T”. A forma do campo imitava aquilo que os astecas acreditavam ser a forma do céu. No campo, os adversários disputavam a posse de uma bola de borracha maciça (tão dura que chegava a quebrar ossos de alguns jogadores e a matar caso batesse na cabeça), que não podia ser segurada, apenas tocada de um para o outro, com a ajuda dos joelhos, cotovelos e quadris. Os jogadores utilizavam protetores de couro e madeira nessas regiões.

O objetivo do jogo era passar a bola por uma argola de pedra na parede protegida pelo time adversário. Quando uma “cesta” era feita — à semelhança do nosso atual basquete —, o jogo acabava e o autor do ponto tinha direito de ficar com todas as jóias dos espectadores. Estes, por sua vez, sempre fugiam ou iam assistir à partida com poucos pertences, para não ficarem sem suas coisas. Com efeito, o tlachtli era uma maneira de se enriquecer em Tenochtitlán. O tlachtli inspirou a criação, no século 20, do vôlei e do basquete, por não ser permitido prender a bola, apenas tocá-la, e pelo objetivo ser fazer “cestas” (ou pontos).

Além do tlachtli, que era o esporte preferido dos astecas, mas praticado principalmente pela nobreza, havia outros esportes, como o patolli, que era um jogo de tabuleiro muito praticado pelas camadas populares, no qual o objetivo era colocar três peças em sequência. Em todas essas disputas, havia largas apostas, sendo que existia em Tenochtitlán uma verdadeira bolsa de apostas, que enriqueceu muitos, mas condenou muitos outros à escravidão por dívidas. Apesar de não ser considerado propriamente um esporte, havia um tipo de sacrifício que atraía plateias que, além de cultuarem o deus para o qual o sacrifício estava sendo feito, também torcia (para isso, era proibido fazer apostas).

Consistia numa espécie de luta de gladiadores, onde o indivíduo que iria ser sacrificado tinha o pé amarrado a uma pesada argola de pedra e, armado com armas de brinquedo, era obrigado a enfrentar quatro guerreiros. Quando morresse, era considerado sacrificado para os deuses.

PARTE IV  
CIVILIZAÇÃO  
INCA



A CIVILIZAÇÃO INCA FOI O RESULTADO DE UMA SUCESSÃO DE CULTURAS ANDINAS PRÉ-COLOMBIANAS E UM ESTADO-NAÇÃO, O IMPÉRIO INCA, QUE EXISTIU NA AMÉRICA DO SUL DE CERCA DE 1200 D.C. ATÉ A INVASÃO DOS CONQUISTADORES ESPANHÓIS E A EXECUÇÃO DO IMPERADOR ATAHUALPA, EM 1533.

O IMPÉRIO INCLUÍA REGIÕES DESDE O EXTREMO NORTE COMO O EQUADOR E O SUL DA COLÔMBIA, TODO O PERU E A BOLÍVIA, ATÉ O NOROESTE DA ARGENTINA E O NORTE DO CHILE. A CAPITAL DO IMPÉRIO ERA A ATUAL CIDADE DE CUSCO (EM QUÍCHUA, “UMBIGO DO MUNDO”). O IMPÉRIO ABRANGIA DIVERSAS NAÇÕES E MAIS DE 700 IDIOMAS DIFERENTES, SENDO O MAIS FALADO O QUÍCHUA.

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

**E**sse padrão de organização social é semelhante aos formados há mais ou menos 2 mil anos na região da Mesopotâmia ou às civilizações que se desenvolveram na Índia e China mil anos depois e às civilizações Maias e Astecas na meso-américa. Esse tipo de formação imperial caracteriza-se pela tecnologia de irrigação (regadio), desenvolvendo sistemas de engenharia hidráulica, agricultura irrigada (exceção talvez dos maias, que apenas possuíam o domínio do transporte das águas), metalurgia do cobre e bronze, técnicas de construção (com deslocamento e cortes de pedras até hoje desconhecidos), notação numérica (quipos), escrita ideográfica (no caso dos astecas) e técnicas de comunicação. Devido ao seu governo centralizado, a organização social do império inca é frequentemente comparada àquela idealizada por regimes socialistas



## Entre em nosso Canal no Telegram @ **A HISTÓRIA INCA** @ **ELITE STAS**

*A sociedade inca desenvolveu-se a partir do século XII, na cordilheira dos Andes na América do Sul, englobando uma série de povos assimilados no decorrer de um longo processo.*

**N**o século XIV, em seu auge, havia cerca de 20 milhões de pessoas sob a nação inca, espalhadas por um vasto território, que englobava terras dos atuais Peru, Equador, Bolívia e norte do Chile. A civilização inca ao alcançar o apogeu sob o comando do imperador Pachacuti a partir de 1438, praticava uma arquitetura sofisticada, e construía estradas, pontes e engenhosos sistemas de irrigação.

O poder entre os incas era centralizado na figura de um soberano, denominado inca (“o filho do sol”), que detinha a posse das terras, riquezas, minas e rebanhos. Com ampla autoridade, ele era considerado quase um deus, ocupando a posição de maior prestígio naquela sociedade. Os altos funcionários e os sacerdotes, geralmente membros da família do inca, também detinham grande poder e riquezas.

A história da civilização inca pode ser dividida em períodos e/ou culturas que se sucederam, sendo complexa a sua datação, fundamentando-se em descobertas arqueológicas, pesquisas de documentos históricos e análises etnográficas. A linha do tempo que se segue é uma adaptação de pesquisas de historiadores com datação aproximada:

## LINHA DO TEMPO

### ■ 4000 A.C. – 1800 A.C.

*Período pré-cerâmico (nômades caçadores, tecelões)*

Introdução ao cultivo do algodão estimada entre 3500 - 2500 a.C.

### ■ 2000 1400 A.C.

*Período Inicial (cerâmico inicial)*

- Cultura de Valdívia (domesticação do milho – 1800 a.C.)

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/BRASILREVISTAS](https://t.me/BRASILREVISTAS)

### ■ 1000 A.C. – 200 A.C. *Horizonte inicial*

- Cultura Chavín (1500 a.C. até 500 a.C.)

### ■ 200 A.C. – 700 D.C.

*Primeiro período intermediário*

- Cultura Moche (Mochica ou Proto-Chimu) 100 a.C. e o ano 800 d.C.
- Cultura Nazca (300 a.C e 800 d.C.)

### ■ 700 D.C. – 1000 D.C.

*Horizonte médio (civilizações urbanas)*

- Cultura Tiahuanaco (Tiwanaku) apogeu Aymara entre 300 d.C. e 1000 d.C..
- Cultura de Huari (Wari) 500 d.C. até 1200 d.C.

### ■ 1000 D.C. – 1450 D.C. – *Segundo período intermediário*

- Cultura Chimú (reinado do século X ao XV) construção da cidade de Chan Chan
- Cultura dos Sicáns (800 d.C. – 1300 d.C.) no atual Deserto de Nazca

### ■ 1450 D.C. – 1533 D.C.

*Horizonte tardio*

## EMBRIÃO

Cerca de 800 a.C. surgiu em Chavin de Huantar o embrião do estado teocrático andino; do ano 50 até cerca do ano 700, a civilização mochica floresceu, e aproximadamente no ano 1000 surgiu a cultura Tiahuanaco. O domínio político de Tiwanaku começou a declinar no século 11, e seu império ruiu na primeira metade do século XII. As razões para este colapso ainda não são compreendidos. O inca Pachacuti chegou ao poder em 1438 e fez de Cusco (Qosqo, em quíchua) o centro espiritual e político do Tawantinsuyu que tinha como área central a região que hoje corresponde ao Norte do Chile, Sul da Colômbia e os territórios da Bolívia, Peru e Equador, abrangendo uma população estimada entre 10 e 30 milhões de habitantes. Em 1531, Francisco Pizarro (1476 — 1541), o conquistador espanhol chegou à região



## ■ ARQUEOLOGIA

*Curiosamente, algumas ruínas incas lembram construções gregas.*

# A EXPANSÃO DO IMPÉRIO

*O imperador inca Pachacuti foi o homem mais poderoso da antiga América, já que enviou várias expedições para conquista de terras — quando os oponentes se rendiam eram bem tratados, mas quando resistiam havia pouca clemência.*

Com as conquistas, Pachacuti acrescentava não apenas mais terras ao seu domínio e guerreiros sob seu comando. Sendo talentoso como diplomata, antes das invasões, Pachacuti enviava mensageiros para expor as vantagens de os povos conquistados se unirem pacificamente ao império inca. O acordo proposto era de que, se os dominados cedessem suas terras, manteriam um controle local exercido pelos dignitários locais que seriam tratados como nobres do império e os seus filhos seriam educados em troca da integração e plena obediência ao Império Inca.

Os incas tinham um exército muito bem treinado e organizado. Quando conquistavam um lugar, o povo era submetido à tributação pela qual prestavam serviços designados pelos conquistadores. Serviços postais eram então estabelecidos por mensageiros (chasquis) que entregavam mensagens oficiais entre as maiores cidades. As notícias também eram veiculadas pelo sistema Chasqui, na velocidade de 125 milhas por dia. Os incas também promoviam a mudança de populações conquistadas, usando estradas que construía para ser usada nas guerras, para o transporte de bens e outros propósitos. Esta troca de populações (manay) acabou promovendo uma troca de informações e propagação da cultura Inca. Todo o Império Inca foi unido por excelentes estradas e pontes. Sua extensão máxima era de 4.500 km de comprimento por 400 km de largura, o que dava 1.800.000 km<sup>2</sup> de extensão.

O período de máxima expansão do Império Inca ocorreu a partir do ano 1450, quando chegou a cobrir a região andina do Equador ao centro do Chile, com mais de 3.000 quilômetros de extensão.



## Entre em nosso **A CONQUISTA ESPANHOLA**

*Quando Huayna Capac se tornou o imperador inca, houve uma guerra civil pela sucessão, que durou por volta de 12 anos.*

**R**umores se espalharam pelo Império Inca sobre um estranho “homem de barba vermelha” que “vivia numa casa no mar” e tinha “raios e trovões em suas mãos” — era a descrição do soldado espanhol, que chegara de navio e trazia arma de fogo. Segundo os rumores, esse homem estranho começava a matar os soldados incas com doenças que trouxera.

Quando Huayna Capac morreu, o império estava desgastado e ocorreu uma disputa entre seus dois filhos. Cuzco, que era a capital, havia sido dada para o suposto novo imperador Huascar, que foi considerado uma pessoa horrível, violento e quase louco, atribuindo-se a ele o assassinato da própria mãe e da sua irmã que forçara a desposá-lo.

Atahualpa reivindicava ser o filho favorito de Huayna Capac, posto que a ele fora dado o território ao norte de Quito (cidade moderna do Equador), razão porque Huascar teria ficado muito bravo. A guerra civil pela sucessão se travou entre os dois irmãos, foi a chamada Guerra dos Dois Irmãos, na

qual pereceram cerca de cem mil pessoas. No final de muita luta, Atahualpa derrotou Huascar e então, conta-se, era Atahualpa quem estava enlouquecido e violento, tratando os perdedores de forma violenta. Muitos foram apedrejados de forma a ficarem incapacitados, nascituros eram arrancados dos ventres das mães, aproximadamente 1500 membros da família real, incluindo os filhos de Huascar foram decapitados e tiveram seus corpos pendurados em estacas, para exibição. Os plebeus foram torturados.

Atahualpa pagou um terrível preço para tornar-se imperador. Seu império estava agora abalado e debilitado. Foi neste momento crítico que os espanhóis chegaram, na cena final do Império Inca. Comandados por Francisco Pizarro, os soldados da “Castilla de Oro” capturaram Atahualpa e seus nobres em 16 de novembro, do ano de 1532.

## A DOMINAÇÃO ESPANHOLA

Atahualpa estava em viagem quando Francisco Pizarro e seus homens encontraram o seu acampamento. Pizarro enviou um mensageiro a Atahualpa perguntando se podiam se reunir. Atahualpa concordou e se dirigiu ao local onde supostamente iriam conversar e quando lá chegou, o local parecia deserto. Um homem de Pizarro, Vicente de Valverde, interpelou Atahualpa para que ele e todos os incas se convertessem ao cristianismo, e se ele recusasse, seria considerado um inimigo da Espanha.

Como era esperado, Atahualpa discordou, o que foi considerado razão suficiente para que Francisco Pizarro atacasse os incas militarmente. O exército espanhol atacou e matou os soldados da comitiva de Atahualpa e, embora pretendesse matar o imperador, aprisionou-o, pois tinha planos próprios.

Uma vez feito prisioneiro, Atahualpa não foi maltratado pelos espanhóis, que permitiram que ele ficasse em contacto com seu séquito. O imperador inca, que queria libertar-se, fez um acordo com Pizarro. Concordou em encher um quarto com peças de ouro e outro um com peças de prata em troca da sua liberdade. Pizarro não pretendia libertar Atahualpa mesmo depois de pago o resgate porque necessitava de sua influência naquele momento para manter a ordem e não provocar uma reação maior dos incas que acabavam de tomar conhecimento dos espanhóis. Além disto, Huáscar ainda estava vivo e Atahualpa, percebendo que ele poderia representar um governo fantoche mais conveniente para a dominação por Pizarro, ordenou a execução de Huáscar. Com isto, Pizarro sentiu a frustração de seus planos e acusou Atahualpa de vários crimes, sendo os principais o assassinio de Huáscar, prá-

tica de idolatria e conspiração contra o Reino da Espanha, sendo julgado culpado por todos os crimes condenado a morrer queimado.

Já era noite alta quando Francisco Pizarro decidiu executar Atahualpa. Depois de ser conduzido ao lugar da execução, Atahualpa implorou pela sua vida. Valverde, o padre que havia presidido o processo, propôs que, se Atahualpa se convertesse ao cristianismo, reduziria a sentença condenatória. Atahualpa concordou em ser batizado e, em vez de ser queimado na fogueira, e foi morto por estrangulamento no dia 29 de agosto de 1533. Com a sua morte também acabava a “existência independente de uma raça nobre”.

## **A MORTE DE ATAHUALPA FOI O COMEÇO DO FIM DO IMPÉRIO INCA.**

A instabilidade ocorreu rapidamente. Francisco Pizarro nomeou Toparca, um irmão de Atahualpa, como regente fantoche até a sua inesperada morte. A organização inca, então, se esfacelou. Partes remotas do império se rebelaram e em alguns casos formavam alianças com os espanhóis para combater os incas resistentes. As terras e culturas foram negligenciadas e os incas experimentaram uma escassez de alimentos que jamais tinham conhecido. Agora, os incas já haviam aprendido com os espanhóis o valor do ouro e da prata e a utilidade que antes desconheciam, e passaram a pilhar, saquear e ocultar tais símbolos de riqueza e poder. A proliferação de doenças comuns da Europa para as quais os incas não tinham defesa se disseminou e causou o morticínio de centenas de milhares de pessoas.

O ouro e a prata, tão ambicionados por Pizarro e os seus homens, estava em todo o lugar e nas mãos de muitas pessoas, subvertendo a economia com a enorme inflação, até que os grãos e gêneros alimentícios acabaram mais valiosos que o precioso ouro dos espanhóis. A grande civilização inca, tal como conhecida, já não existia.

## **O FIM DO IMPÉRIO INCA**

Após a conquista, o Império Inca foi derrubado por menos de 200 homens e 27 e também por milhares de ameríndios que se juntaram às tropas espanholas por descontentamento em relação ao tratamento dado pelo império. Francisco Pizarro e os espanhóis que o seguiram oprimiram os incas tanto material como culturalmente, não apenas explorando-os para extração da prata Potosí, como reprimindo as suas antigas tradições e conhecimentos. No que se refere à agricultura, por exemplo, o abandono da

avançada técnica agrícola inca acabou instalando uma persistente era de escassez de alimentos na região.

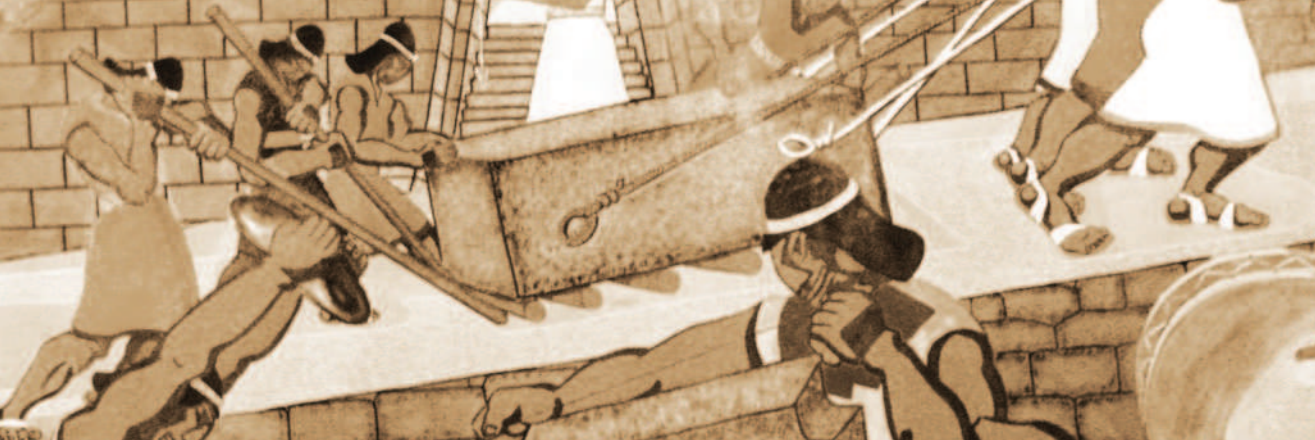
Uma parte da herança cultural foi mantida, tratando-se das línguas quí-chua e aimará, isto porque a Igreja Católica escolheu estas línguas nativas como veículo da evangelização dos nativos, daí passarem a escrevê-las com caracteres latinos e ensiná-las como jamais ocorrera durante o império, fixando-as como as línguas mais faladas entre as dos ameríndios.

Mais tarde, a exploração opressiva foi objeto de uma rebelião, cujo líder Tupac Amaru, considerado o último inca, acabou inspirando o nome do movimento revolucionário peruano do século XX, o MRTA, e o movimento uruguaio dos Tupamaros. A história de planejamento econômico dos incas e boas doses de maoísmo foram também a inspiração revolucionária do movimento Sendero Luminoso, no Peru.



## ■ ICÔNICOS

*Pintura figurativa que representa sacerdote e imperador incas.*



# A CULTURA INCA

*Aspectos da cultura inca mostram uma sociedade bastante organizada e surpreendentemente avançada.*

## A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

O Império Inca tinha uma organização econômica de caráter próxima ao modo de produção asiática, na qual todos os níveis da sociedade pagavam tributos ao imperador que era divinizado, sendo carregado em liteiras com grande pompa, usava roupas, cocares e adornos especiais que demonstravam sua superioridade e poder. Ele reivindicava seu poder dizendo-se descendente de deuses (origem divina do poder real). Abaixo do imperador havia quatro principais classes de cidadãos: a família real, nobres, líderes militares e líderes religiosos. Estas pessoas controlavam o império e muitos viviam em Cusco. A seguir, na hierarquia estavam os governadores das quatro províncias em que o império era dividido. Eles tinham muito poder pois organizavam as tropas, coletavam os tributos cabendo-lhes impor a lei e estabelecer a ordem. Abaixo dos governadores estavam os oficiais militares locais, responsáveis pelos julgamentos menos importantes e a resolução de pequenas disputas, podendo inclusive impor castigos. Mais abaixo, estavam os camponeses que eram a maioria da população.

Entre os camponeses, a estrutura básica da organização territorial era o ayllu. O ayllu era uma comunidade aldeã composta por diversas famílias cujos membros consideravam possuir um antepassado comum (real ou fictício). A cada ayllu correspondia um determinado território. O kuraca era o chefe do ayllu. Cabia-lhe a distribuição das terras pelos membros da comunidade aptos para o trabalho.

Havia três ordens de trabalhos agrícolas: os realizados em benefício do imperador e da família real; os destinados à subsistência da família, realizados no pedaço de terra que lhe cabia; e os trabalhos realizados no seio da comunidade aldeã, para responder às necessidades dos mais desfavorecidos. De fato, o sistema de ajuda entre as famílias estava muito desenvolvido. Para além das terras coletivas, havia reservas destinadas a minorar as carências em tempos de fome ou a serem usadas sempre que a aldeia era visitada por uma delegação do imperador.

Outro dos deveres de cada membro da comunidade de camponeses consistia em colaborar nos trabalhos coletivos, como, por exemplo, a manutenção dos canais de irrigação.

## NOBRES INCAS

Os nobres foram chamados pelos espanhóis de “orelhões”, devido à impressão que tiveram de suas orelhas, aumentadas pelos grandes pendentos que usavam. Os “orelhões” eram educados em escolas especiais durante quatro anos. Eles estudavam a língua quíchua, a religião, mais história, geometria, geografia e astronomia. Ao terminar os estudos, eles se graduavam em uma cerimônia solene, onde demonstravam sua preparação, submetidos a algumas provas.

Os jovens recém-formados se vestiam de branco e se reuniam na Praça de Cusco. Todos os candidatos à nobreza tinham o cabelo cortado e levavam na cabeça um enfeite (o llauto) negro feito de plumas. Depois de rezarem ao Sol, à Lua e ao trovão, eles subiam a colina de Huanacauí, onde ficavam em jejum, participavam de competições e dançavam.

Mais tarde, o imperador lhes entregava umas calças justas, um diadema de plumas e um peitoral de metal. Finalmente, ele perfurava a orelha de cada um pessoalmente, com uma agulha de ouro, para que pudessem usar seus pendentos característicos, próprios de sua categoria. Os “orelhões” tinham vários privilégios, entre eles a posse de terras e a poligamia. Eles recebiam presentes do monarca, tais como mulheres, lhamas, objetos preciosos, permissão para usar liteiras ou trono.

Eles constituíam os funcionários do império. Em primeiro lugar estavam os quatro apu, ou administradores das quatro partes do império, que assessoravam diretamente o imperador. Abaixo deles, estavam os tucricues, ou governadores das províncias que residiam em suas capitais, e eram periodicamente inspecionadas.

## POVOS DOMINADOS, LEIS, OBRIGAÇÕES E PRIVILÉGIOS

Aos povos dominados os incas incumbiam do trabalho que cada um deveria executar, o quanto e qual terra poderiam cultivar e quão longe poderiam viajar. Depois de se adaptar a tais regras, eram bem vistos pelos dominadores. Se um inca era acusado de furto, mas isto não era provado, o próprio oficial local incumbido de manter a ordem era punido por não fazer seu trabalho corretamente. Os inválidos e incapazes eram auxiliados a prover sua subsistência com trabalho. Às mulheres casadas eram distribuídas meadas de lã para confecção de roupas. Os incas não tinham liberdade de viajar e os filhos sempre tinham de seguir o ofício dos pais e todas as atividades dos habitantes eram supervisionadas pelos funcionários do império.

## A MOEDA

Os incas não usavam dinheiro propriamente dito. Eles faziam trocas ou escambos nos quais mercadorias eram trocadas por outras e mesmo o trabalho era remunerado com mercadorias e alimento. Serviam como moedas sementes de cacau e também conchas coloridas, que eram consideradas de grande valor.

## AGRICULTURA

No apogeu de civilização inca, cerca de 1400 d.C., a agricultura organizada espalhou-se por todo o império, desde a Colômbia até o Chile, com o cultivo de grãos comestíveis da planície litorânea do Pacífico, passando pelos altiplanos andinos e adentrando na planície amazônica oriental. Calcula-se que os incas cultivavam cerca de 700 espécies vegetais. As principais culturas vegetais eram as batatas (semilha), a batatas-doce, milho, pimentas, algodão, tomates, amendoim, mandioca, e um grão conhecido como quinua, que hoje voltou a ser consumido no Peru e está sendo cultivado também em outros países. A chave do sucesso da agricultura inca era a existência de estradas e trilhas que possibilitavam uma boa distribuição das colheitas numa vasta região.

O plantio era feito em terraços e já usavam a adiantada técnica das curvas de nível, sendo os primeiros povos a usar um sistema de irrigação. Para re-

volver o solo, os incas usavam varas e arados, e usavam também a lhama para transporte das colheitas, embora tais animais fornecessem também lã para fazer tecidos, mantas e cordas, couro e carne. As ervas aromáticas e medicinais também eram plantadas e as folhas de coca, eram reservadas para a elite. Toda a produção agrícola era fiscalizada pelos funcionários do império.

## A CAÇA E PESCA

Os incas usavam o arco de flechas e zarabatanas para caçar animais como cervos, aves e peixes que lhes forneciam carne, couro e as plumas que usavam em seus tecidos. A caça era coletiva e o método mais usual era de formar um grande círculo que ia se fechando sobre um centro para onde iam os animais.

## TESTEMUNHO

Mancio Serra de Leguisamo – sobrevivente dos primeiros conquistadores do Peru – escreveu no preâmbulo de seu testamento, em 1589:

“Encontramos esses reinos em tal bom estado, e os Incas os governavam de maneira tão sabia, que entre eles não havia um ladrão ou um viciado, não havia uma adúltera, ou sequer uma mulher má admitida entre eles, não havia tampouco pessoas imorais. Os homens tinham ocupações honestas e úteis. As terras, florestas, minas, pastos, casas e todos os tipos de produtos eram controlados e distribuídos de tal forma que cada um sabia o que lhe pertencia, sem que outro tomasse ou ocupasse algo alheio, ou fizesse queixas a respeito... o motivo que me obriga a fazer estas declarações é a libertação da minha consciência, visto que me considero culpado. Pois destruímos, com nosso mau exemplo, as pessoas que tinham tal governo como o que era desfrutado por esses nativos. Eram tão livres do cometimento de crimes ou excessos, tanto os homens quanto as mulheres, que o índio que tivesse 100 mil pesos em ouro e prata em sua casa a deixava aberta, meramente deixando uma pequena vara contra a porta, como sinal de que seu dono estava fora. Com isso, de acordo com seus costumes, ninguém poderia entrar ou levar algo que estivesse ali. Quando viram que colocávamos cadeados e chaves em nossas portas, supuseram que fosse por medo deles, para que eles não nos matassem, mas não porque acreditassem que alguém poderia roubar a propriedade de outro. Assim, quando descobriram que havia ladrões entre nós, e homens que buscavam fazer as suas filhas cometerem pecados, nos desprezaram.”

## A INFÂNCIA

A infância de um inca pode parecer severa para os padrões atuais. Ao nascer, os incas lavavam o bebê com água fria e o embrulhavam numa manta e o colocavam em uma cova feita no chão. Quando a criança alcançava 1 ano de idade, se esperava que andasse ou ao menos engatinhasse sem qualquer ajuda. Aos 2 anos de idade, as crianças eram submetidas a um ritual, no qual se lhes cortavam os cabelos, determinando, assim, o fim da infância. Desde então, os pais esperavam que os filhos ajudassem em tarefas ao redor da casa. A partir daí as crianças eram severamente castigadas quando se portavam mal. Aos 14 anos os meninos eram vestidos com uma tanga, sendo então declarados adultos. Os meninos mais pobres eram submetidos a vários testes de resistência e de conhecimento, ao fim dos quais lhes eram atribuídos adornos (brincos) coloridos e armas. As cores dos brincos determinavam o lugar hierárquico que ocupariam na sociedade.

## A RELIGIÃO

A religião era politeísta, constituída de forças do bem e do mal. O bem era representado por tudo aquilo que era importante para o homem como a chuva e a luz do Sol, e o mal, por forças negativas, como a seca e a guerra. Os incas eram extremamente religiosos e viam o Sol e a Lua como entidades divinas às quais suplicavam suas bênçãos, fosse para melhores colheitas, fosse para o êxito em combates com grupos rivais. O deus Sol (Inti) era o deus masculino e acreditavam que o Rei descendia dele. Atribuíaam ao deus Sol qualidades espirituais, transmitidas à mente pela mastigação da folha de coca, daí as profecias que justificaram a criação de templos sagrados construídos nas encostas íngremes das montanhas andinas.

Os incas construíram diversos tipos de casas consagradas às suas divindades. Alguns dos mais famosos são o Templo do Sol em Cusco, o templo de Vilcike, o templo do Aconcágua (a montanha mais alta da América do Sul) e o Templo do Sol no Lago Titicaca. O Templo do Sol, em Cusco, foi construído com pedras encaixadas de forma fascinante. Esta construção tinha uma circunferência de mais de 360 metros. Dentro do templo havia uma grande imagem do Sol e em algumas partes do templo havia incrustações douradas representando espigas de milho, lhamas e punhados de terra. Porções das terras incas eram dedicadas ao deus do Sol e administradas por sacerdotes, estes eram chamados Huillca-Humu, viviam vidas reclusas e monásticas e profetizavam utilizando uma planta sagrada chamada huillca ou vilca. Os huacas, ou lugares sagrados,

estavam espalhados pelo território inca. Huacas eram entidades divinas que viviam em locais naturais, como montanhas, rochas e riachos. Os líderes espirituais de uma comunidade usavam rezas e oferendas para se comunicar com um huaca, pedindo conselhos ou ajuda.

## SACRIFÍCIOS

Os incas ofereciam sacrifícios tanto humanos como de animais nas ocasiões mais importantes, na maioria das vezes em rituais ao nascer do Sol. Grandes ocasiões, como nas sucessões imperiais, exigiam grandes sacrifícios que poderiam incluir até 200 crianças. Não raro, as mulheres a serviço dos templos eram sacrificadas, mas a maioria das vezes os sacrifícios humanos eram impostos a grupos recentemente conquistados ou derrotados em guerra, como tributo à dominação. As vítimas sacrificiais deviam ser fisicamente íntegras, sem marcas ou lesões, e preferencialmente jovens e belas.

## CELEBRAÇÕES

Os incas tinham um calendário de trinta dias, no qual cada mês tinha o seu próprio festival. Os meses e as celebrações do calendário inca são os seguintes (com o mês correspondente ao calendário gregoriano):

MÊS	FESTIVAL	SIGNIFICADO
JANEIRO	Huchuy Pacoy	Pequena colheita
FEVEREIRO	Hatun Pocoy	Grande colheita
MARÇO	Pawqar Waraq	Ramo de flores
ABRIL	Ayriwa	Dança do milho jovem
MAIO	Aymuray	Canção da colheita
JUNHO	Inti Raymi	Festival do Sol
JULHO	Anta Situwa	Purificação terrena
AGOSTO	Qapaq Situwa	Sacrifício de purificação geral
SETEMBRO	Qaya Raymi	Festival da chuva
OUTUBRO	Uma Raymi	Festival da água
NOVEMBRO	Ayamarqa	Procissão dos mortos
DEZEMBRO	Qapaq Raymi	Festival magnífico

## COSTUMES FUNERÁRIOS

Os incas acreditavam na reencarnação. Aqueles que obedeciam à regra, ama sua, ama llulla, ama chella (não roube, não minta e não seja preguiçoso), quando morressem iriam viver ao calor do sol enquanto os desobedientes passariam os dias eternamente na terra fria.

Os incas também praticavam o processo de mumificação, especialmente das pessoas falecidas mais proeminentes. Junto às múmias era enterrada uma grande quantidade de objetos do gosto ou utilidade do morto. De suas sepulturas, acreditavam, as múmias mallqui poderiam conversar com ancestrais ou outros espíritos huacas daquela região. As múmias, por vezes, eram chamadas a testemunhar fatos importantes e a presidir vários rituais e celebrações. Normalmente, o defunto era sepultado sentado.

## A MEDICINA

As culturas pré-colombianas eram sistemas de intrincadas misturas de religião, magia e empirismo semelhantes ao das sociedades arcaicas. A medicina inca conhecida por suas sobrevivências e relatos de cronistas, reuniu pelo menos 1.400 espécies de vegetais, técnicas cirúrgicas e especializações médicas. Os incas fizeram muitas descobertas farmacológicas e já usavam o quinino no tratamento da malária com grande sucesso. As folhas da coca eram usadas de modo geral como analgésicos, e para diminuir a fome, embora os mensageiros Chasqui as usassem para obter energia extra. Outra terapia comum e eficiente era o banho de ferimentos com uma cocção de cascas de pimenteiras.

Entre as práticas médicas dessa civilização que ainda intrigam os pesquisadores está o procedimento cirúrgico conhecido como trepanação, realizado com mais frequência em homens adultos, (provavelmente para tratar os ferimentos sofridos durante o combate). Ainda hoje, procedimento similar é realizado para aliviar a pressão causada pelo acúmulo de fluidos após trauma craniano grave. Há evidências que as técnicas cirúrgicas foram padronizadas e aperfeiçoadas ao longo do tempo, face ao fato de que os crânios mais antigos não mostrarem nenhum sinal da consolidação óssea, após a operação, sugerindo que o procedimento foi provavelmente fatal, ao contrário dos encontrados mais recentemente, cujas taxas de sobrevivência beiram os 90% .

## A ARTE INCA

Os incas tocavam música em tambores e instrumentos de sopro, que incluem as flautas quena (flautas de madeira) e trombetas feitas de conchas ma-

rinhas ou de cerâmica. Os incas produziam artefatos de artesanato destinados ao uso diário, ornados com imagens e detalhes de deuses. Era comum na cultura inca o uso de formas geométricas abstratas e representação de animais altamente estilizados, no feitiço de cerâmicas, esculturas de madeira, tecidos e objetos de metal. Eles produziam belos objetos de ouro e as mulheres produziam tecidos finos, com desenhos surpreendentes.

## HÁBITOS ALIMENTARES

A comida inca consistia principalmente de vegetais, pães, bolos, mingaus de cereais (notadamente de milho ou aveia), e carne (assados ou guisados), comumente de caititus (porcos selvagens) e de lhama. Apesar da dieta dos incas ser muito variada, havia muitas diferenças entre os alimentos consumidos pelos diversos setores da sociedade.

A gente do povo só comia duas refeições por dia. O prato comum dos Andes era o chuño, ou farinha de batata desidratada. Adicionava-se água, pimentão ou pimenta, e sal para então servir. Eles também preparavam o locro, com carne seca ou cozida, com muito pimentão, pimenta, batatas e feijão. Eles comiam ainda grandes quantidades de frutas. O milho era bastante consumido e era preparado fervido ou torrado.

Os nobres e a família real se alimentavam muito melhor do que o povo. Na mesa do imperador não podia faltar carne, mas era escassa para o povo. Ele comia carne de lhama, de vicunha, patos selvagens, perdizes, rãs, caracóis e peixes.

A refeição começava com frutas. Depois vinham as iguarias, apresentadas sobre uma esteira de juncos trançados que eram estendidos no solo. O imperador se acomodava em seu assento de madeira, coberto com uma tela de lã e indicava o que lhe agradava. Daí, uma das mulheres de seu séquito o servia, em um prato de barro ou de metal precioso, que segurava entre suas mãos enquanto o imperador comia. As sobras e tudo que o imperador havia tocado, devia ser guardado em um cofre e queimado logo depois, dispersando as cinzas.



Instagram: @nephthys\_gallery  
Telegram: t.me/nephthys\_gallery



# CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

---

**P**oucos assuntos geram tanta curiosidade quanto as **Civilizações Antigas!** Afinal, as sapiências adquiridas por civilizações como as Egípcia, Maia, Asteca e Inca até hoje desafiam a lógica e a ciência. Os mistérios se ampliam quanto mais descobertas arqueológicas são realizadas. De onde veio todo seu conhecimento e que mistérios ainda encerram? Por muito tempo ainda haveremos de nos espantar com toda a cultura que aqueles povos legaram às civilizações futuras.

---

# Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse [t.me/BrasilJornais](https://t.me/BrasilJornais)



Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!